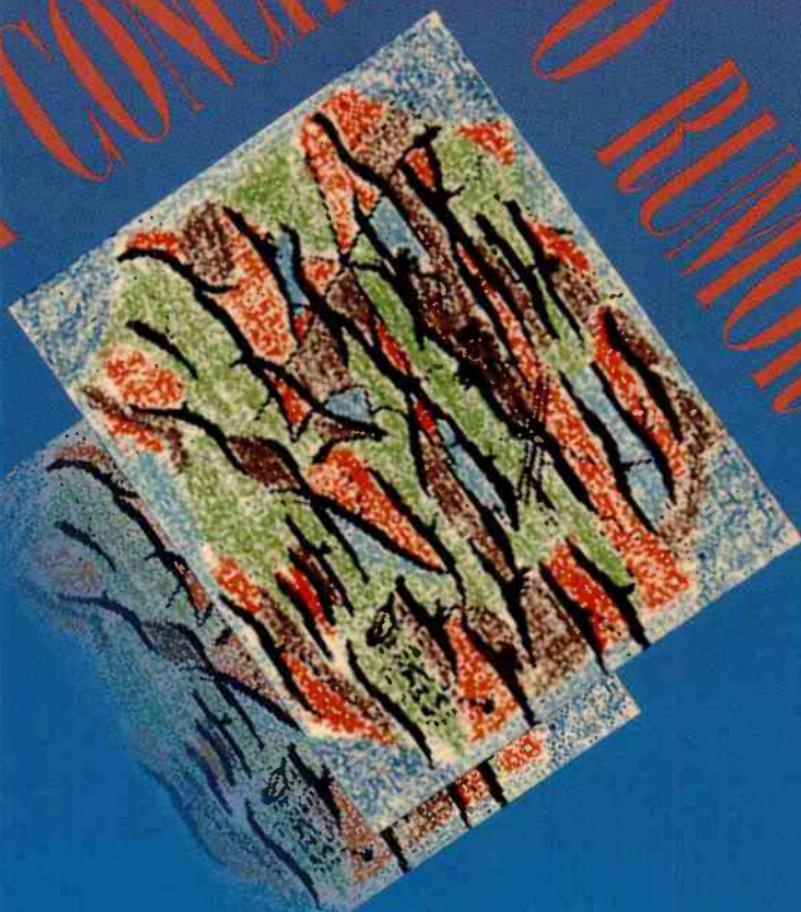


Francisco Carvalho

A CONCHA E O RUMOR



UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL

“Ainda aqui, vinda a nosso socorro, contra os desgastes do facilitário poético dominante, a arte desse magnífico mestre nos restitui a moral exemplar das obras-primas.

Uma poesia milagrosamente desliga da dessa escritura quase primitiva do verso que se dissipa por aí, atualmente, e não tem corpo. Muito menos alma. Confundindo os espíritos e os sentimentos. Ao contrário, nos concilia pelo tom quase perfeito das correspondências estéticas e emotivas com o simbolismo das imagens raras e das respostas felizes.

Na verdade, a poesia de Francisco Carvalho é um dos nossos mais caros orgulhos nacionais, sempre no sentido superior daquilo que oferece, tendo o quê, e daquilo que espera receber, não tendo nada”.

Ascendino Leite/PB

“Antes de mais nada, cumpre sublinhar o que há de rigor, **ostinato rigor**, na poesia de Francisco Carvalho, na qual impera, soberana, a grave e harmoniosa comunhão entre forma e fundo, entre o **que** e o **como** da expressão poética. E cabe fazê-lo já e já, em nome da própria sobrevivência da poesia, sitiada nos tempos que correm por toda sorte de simulacros e por esse irresponsável descomedimento formal que se pratica sob o signo da espontaneidade, ou seja, a daqueles que ainda acreditam que o verso livre é mesmo livre, esquecendo-se de que nenhum verso é livre o bastante para quem se disponha a escrevê-lo com um mínimo de competência”.

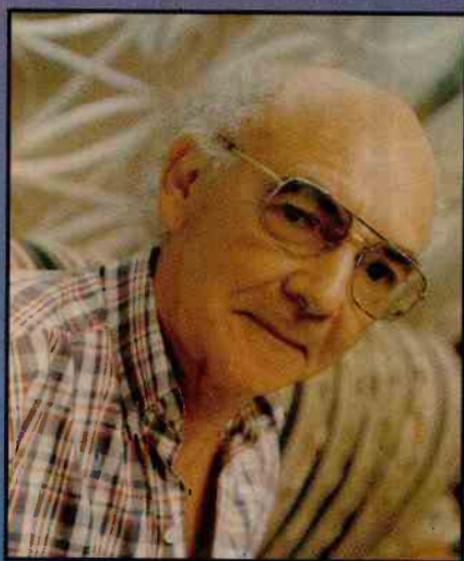
Ivan Junqueira/RJ

“Sempre que me indagam sobre a poesia brasileira e quais são os seus poetas mais representativos, eu nunca deixei de citar, entre os criadores poéticos maiores da nossa atual literatura, o nome de Francisco Carvalho. Faz parte de várias entrevistas minhas a reclamação indignada de volta e meia eu ler na imprensa literária a citação de muitos nomes do Rio e de São Paulo como “grandes” poetas contemporâneos (vários são, realmente; a maioria é, no entanto, de bons autores a meio-caminho; ou de iniciantes promitentes; ou medíocres, ruins de forma e de fundo) e não ver citado, **entre os realmente grandes**, este autor de uma enorme e autêntica e culturalmente valorosa obra poética que é Francisco Carvalho, um, repito, dos grandes poetas da literatura brasileira. Tudo o que venho de afirmar linhas acima aplica-se, **modus in rebus**, aos grandes poetas César Leal, do Recife, e José Chagas, de São Luís do Maranhão”.

Moacyr Félix/RJ

“Em essência, tem sido essa a força motriz que, há mais de quarenta anos, dinamiza a criação poética de Francisco Carvalho. Criação desde sempre atenta ao seu tempo e às “suas circunstâncias” (como diria Ortega y Gasset), e que, através de uma ótica pessoalíssima, tem incorporado as contradições e tensões do mundo-hoje, em acelerada metamorfose. *At last, but not the least*, voltamos a destacar, no universo poético de Francisco Carvalho, a já referida dominância de um certo **ritmo oracular**, que aprofunda a grandeza da linguagem, lembrando ora a inspiração bíblica dos **salmos**, ora o húmus do **epigrama** (em que o poeta é mestre)”.

Nelly Novaes Coelho/USP



Francisco Carvalho

" Parece que há duas pedras de toque para avaliar o quilate de um poeta. Uma delas é parar no meio de uma de suas estrofes e pensar: quem me dera que eu tivesse escrito este verso. Outra é quando suas palavras caem como um metal líquido derramado sobre o coração e ali tomam corpo e forma para sempre, como um sino de bronze ou a corda de bronze da viola. Francisco Carvalho, poeta maior, tem este quilate inconfundível. Como o boi de um de seus cantos antigos, ele pasta a memória dos que o pastoreiam e nos pune e nos ruma para sempre com a lembrança de um verso. A beleza é a coisa da poesia. Só ela dura para sempre. Esta é a qualidade da obra deste poeta maior, Francisco Carvalho, que grava em cada verso o contraste da beleza vera, aquela que funda o ser e permanece inesquecível aos que um dia a conheceram no tato da gema dos dedos ou das pupilas fascinadas."

Gerardo Mello Mourão

UFC

**CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL**

A CONCHA E O RUMOR

Go querido amigo de
te Nulto mae, e
maior estima e as
homemagens do

Amor
02/02/2000

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

COORDENADOR

Antônio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Francisco Carvalho

Joaquim Haroldo Ponte

Geraldo Jesuino da Costa

CAPA

Assis Martins

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Desenho de Federico Garcia Lorca,
doado ao autor pelo poeta Gerardo Mello Mourão

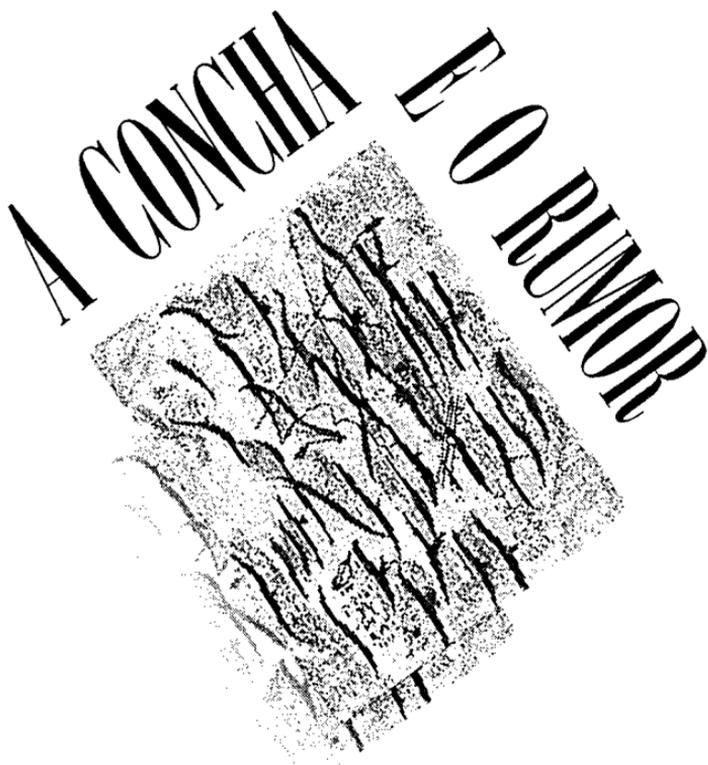
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Carlos Alberto Dantas

A Concha e o Rumor

© 2000 Copyright by Francisco Carvalho

Francisco Carvalho



UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL

2000



E não me envergonhe, afinal, de haver manejado a enxada ou haver estimulado os bois vagarosos com o aguilhão.

Álbio Tibulo

TRAD. DE MARIA DA GLÓRIA NOVAK

Foge, invejoso, o tempo enquanto conversamos.
Colhe o dia de hoje e não te fies nunca no dia de amanhã.

Quinto Horácio Flaco

TRAD. DE ARIIVALDO AUGUSTO PETERLINI

Homem feliz, aqui, entre os rios que te são familiares
e as fontes sagradas, terás uma sombra fresca.

Públio Vergílio Maro

TRAD. DE ZÉLIA DE ALMEIDA CARDOSO

Aqui, dois versos bons, / três passáveis, mil ruínas.
Outro modo não existe: / um livro se faz assim.

Marco Valério Marcial

TRAD. DE JOSÉ DEJALMA DEZZOTI

Eu sou a concha das praias
que anda batida da onda.
E, de vaga em outra vaga,
não tem aonde se esconda.

Antero de Quental



Ao Professor ANTÔNIO MARTINS FILHO, uma das mais destacadas lideranças culturais do Ceará no século que passou, as homenagens do autor.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE – MEMÓRIA DO ARCO-ÍRIS

A Concha e o Rumor, 13 • Anatomia do Azul, 14 • Minibiografia, 15 • Memória de Sísifo, 16 • Um Rio e Seu Pastor, 17 • Marinha, 18 • A Tarde e o Mar, 19 • Pescador, 20 • Tercetos, 21 • Discurso do Rei de Corinto, 22 • Tangedor de Camelos, 23 • Anedota Mineira, 23 • Monólogo do Quixote, 24 • Espelhos, 25 • Sísifo e a Pedra, 26 • Forma no Espaço, 27 • Tudo Vale a Pena, 28 • Dançarina, 29 • Pastor de Cabras, 30 • A Tarde e os Tigres, 31 • Lâmpada, 32 • Assim Falava o Rei de Corinto, 33 • Memória do Arco-Íris, 35 • Testamento de Odisseu, 36 • Lapidador, 41 • Pote, 42 • Ovo Estrelado, 42 • Pedra, 43 • Rede, 43 • Vigília, 44 • Mesa, 44 • Lagarto, 45 • Andorinhas, 45 • Boi de Argila, 46 • Sapo, 46 • Viagem ao Campo de Centeio, 47 • A espiga de centeio que apodreceu, 48 • Vagamos pelas ruas de Gomorra, 49 • O crepe do vento é uma túnica, 50 • São rebanhos de vento, 51 • Passa o vento entre flores de hortências, 52 • É certo que Van Gogh, 53 • A nudez é um vinho, 54 • O herói e seu busto, 55 • A tarde cede lugar, 56

SEGUNDA PARTE – EXERCÍCIOS DE UTOPIA

Sonho de Ópio, 59 • Milonga Para D. Quixote, 60 • Exercício de Utopia, 61 • Lobos & Homens, 62 • O Tempo e Suas Florações, 63 • Cadeira, 64 • Quinteto, 65 • Estandarte, 68 • Monólogo da Bengala, 69 • Égua da Noite, 70 • Nexo, 71 • Noite, 71 • Lágrima, 72 • Risco, 73 • Desenho de Cavalo, 74 • Canção do Rumor, 75 • Irene Revisitada, 76 • Pássaro de Tróia, 77 • Anjo Arcaico, 78 • Barca, 79 • Mãe Preta, 80 • As Tardes Emigram, 81 • Calvário, 82 • Mistério da Vaca, 83 • Retrato Falado, 84 • Engano & Esperança, 85 • Serpente, 86 • Dragão, 87 • Feira, 88 • Arauto das Sombras, 89 • Plantador de Girassóis, 90 • As Feras, 92 • Só, 93 • Receita de Viver, 94 • Conto Medieval, 95 • Rio do Tempo, 97 • Ritmo, 98 • Poema Fluvial, 99 • Harmonia, 100 • Paisagem Vista da Janela, 101 • Olhos de Peixe, 102 • Conjugação do Raio, 103 • Cupimetria, 104 • Estátua, 105 • Lendas de Um Rei, 106 • Desenho Musical, 109

TERCEIRA PARTE – VIAGEM AOS SEIOS DAS VALQUÍRIAS

Pórtico, 113 • Desenho de Gustav Klimt, 114 • Onde Quero Estar, 116 • Fogo, 118 • Cantata, 119 • Seios de Palha, 120 • Paródia de Camões, 121 • Ode Mínima, 122 • Canção das Orquídeas, 123 • Cachorro Faminto, 124 • Rumor do Cio, 124 • Mandarim, 125 • Canção Para Guitarra Portuguesa, 126 • Soneto à Moda de GMM, 127 • Taça, 128 • Ode

Minúscula, 129 • Cantada Futurista, 130 • Pássaro da Noite, 131 • Azeitonas Maduras, 132 • Era uma Vez um Califa, 133 • Bengala, 134 • Invenção do Pecado, 135 • Éden, 136 • Código, 137 • Sentimento da noite, 137 • De Tanto Saber, 138 • Morrer de Amor, 139 • Camas Azuis, 140 • Noivas de Córdoba, 141 • Amor Virtual, 143 • Viagem Mística, 144 • Serenata Desesperada, 145 • Todos Vão ao Bar, 146 • Dona do Scio, 147 • Campo de Centeio, 148 • Prelúdio, 150 • Navegação, 151 • Desenho Erótico, 152 • Agora ou Nunca, 153 • Olhos de Raposa, 154 •

QUARTA PARTE – LIVRO DO ESPANTALHO

Coisas Pequenas, 161 • Confidências de Espantalho, 169 • Tempo, 170 • Strix Ulula, 171 • Pássaro Morto, 172 • Tristeza, 173 • Velório, 174 • Sonho de Espantalho, 175 • Tantas Perguntas, 176 • A Vida e Seu Curso, 177 • Anatomia da Vaca, 178 • A vaca recria o tempo, 179 • Arquivo Morto, 180 • Rio Morto, 181 • Os Mísseis, 182 • Balada da Moça do FMI, 183 • Protonotário, 184 • Reverência, 185 • Anjo Decaído, 186 • Retratos, 187 • Nudez, 188 • O Homem e a Bengala, 188 • Ode Cínica, 189 • O Homem e sua Cauda, 190 • Paixão Inútil, 191 • Elegia para Ninguém, 192 • Rio dos Ancestres, 193 • Duas Metades, 194 • Donos da Tarde, 195 • Sapos Músicos, 196 • Noite dos Cães, 197 • Anjo de Pedra, 198 • Chama Apagada, 199 • Epitáfio, 200 • Homem Lagarto, 200 • O Sono do Gato, 201 • Rascunho da Sombra, 202 • Copo de Insônia, 203 • Sombra, 204 • Enigma de Duas Faces, 204 • Tudo Velho Sob o Sol, 205 • Vinho do Porto, 206 • Poema Banal, 207 • Cio das Eras, 208 • Nunca Vi o Tejo, 209 • Invento, 210 • Se a Terra não Fosse Redonda, 211 • Tragédia Urbana, 212 • O Rio e os Remos, 213 • Nau do Corpo, 214 • Poeira, 215 • Todos Somos Descartáveis, 216 • O Vento é teu Epitáfio, 217 • Taça de Areia, 218 • Vida, 218

QUINTA PARTE – DISCURSO DA IRA

Fragmentos de Uma Épica do Cotidiano, 221 • Discurso da Ira, 228 • Políglotas do Planalto, 229 • Discurso do Rei para os Nordestinos, 230 • Canção do Fosso, 231 • O Inferno São os Outros, 232 • Parabólicas, 233 • Mesa Quadrada, 233 • Babuínos, 234 • Ciência, 234 • Os Abutres, 235 • Ceia Amarga, 236 • Aventureto, 236 • A um Rei que Vai Morrer, 237 • Anatomia do Poder, 239 • Capitalismo, 240 • Bicho Pequeno, 241 • Um dia Depois do Outro, 242 • Morte de Antônio Conselheiro, 243 • Discurso das Medalhas, 244 • Sapos Elétricos, 245 • Mito, 246 • Aos Mortos do Timor Leste, 247 • Canção do Imergente, 248 • Os Tristes e os Contrastes, 250 • Ninguém é um Deus, 251 • Muro, 252 • Ser de Pedra, 253 • Cretinos & Suínos, 254 • Canção do Pobre, 255 • Tempo dos Visigodos, 256

Primeira Parte

MEMÓRIA DO ARCO-ÍRIS

E o novo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma.

Camões (Sonetos)

A CONCHA E O RUMOR

*d*o rio e suas larvas
da fronde e seus ovos

a concha e o rumor

do mar e da espuma
do tempo e seus limos

a concha e o rumor

do corpo e seus vértices
do amor e seu pólen

a concha e o rumor

da chuva e do vento
da ostra e da bússola

a concha e o rumor

da noite e sua quilha
do inverno e seu rúmen

a concha e o rumor

da morte e sua carícia
esculpida na pedra

a concha e o rumor

ANATOMIA DO AZUL

Para Márcio Catunda

Enquanto o tempo refaz
a sua medula de água e espuma
os guardiões da miséria
tocam flauta.

O povo exhibe o seu dorso de
dragão chinês feito de papel crepom
sai à procura do adágio
das ruas, da solidariedade dos
cães e dos mendigos.

Um pássaro ressuscitado pelo vento
pastoreia a anatomia do azul.
Podre é a luz que nasce
da pedra cancerosa.

A volúpia das orquídeas vaza da taça
da noite por cima do cio
dos gatos.

A morte, vestida de espantalho,
passa rente à plumagem de
fogo dos espelhos.

Ouve-se o badalar de
um sino para além das colinas
e do peito incendiado de Homero.
O rei de Tebas foi achado morto e teve
o fígado dilacerado por abutres
e estilhaços vindos do céu.

MINIBIOGRAFIA

*N*ão sou moderno
também não sou antigo.
Sou o mendigo que trapaceia
por trás do postigo.

Sou o que penso
e jamais o que digo.
Aprendo nas ruas
que o inferno é estar vivo.

Melhor morrer no asfalto
do que ter inimigo
ter um barraco na favela
do que ter um jazigo
com versos de Petrarca no
mármore antigo.

Às vezes trago
metáforas de trigo.
Meus versos não servem para nada.
Ser poeta é como ter
o corpo dizimado pelo vitiligo.

MEMÓRIA DE SÍSIFO

É preciso imaginar Sísifo feliz (ALBERT CAMUS)

*F*ui rei de Corinto por dilatados anos.
Com Mérope tive alguns filhos.
Vi quando Egina foi raptada por Júpiter.

Por causa duma inocente fofoca
o poderoso Júpiter me enviou a morte.
Descartei-me dela, todavia fui obrigado

a acompanhá-la até os Infernos.
Quis voltar à terra, mas o Senhor do reino
dos mortos decidiu o contrário.

Fui por ele condenado a rolar uma pedra
do alto da montanha dos Infernos
onde o abismo é um jardim de labaredas.

Toda vez que chego ao cume da escarpa
a pedra rola montanha abaixo
e tudo recomeça de novo.

Porque não sou pessimista
algum dia a rocha do Inferno rolará
das minhas mãos sobre a corja dos deuses.

UM RIO E SEU PASTOR

*J*á fui pastor de um rio
que acariciava a nudez aveludada
das moças da aldeia.

Um rio contemplado pelas conchas
de corpo semelhante ao de uma
flauta no tempo do cio.

Um rio de olhos marejados
que passava os dias irrigando
as relvas das coxas das lavadeiras.

Sou um pouco da memória desse rio
que amamentava os pássaros
com o leite das nuvens.

Já fui pastor de um rio
que desaguava às portas de Lisboa
sem saber que era o Rossio.

O s metais do mar
cintilam na tarde finda
odor de peixe podre
nos barcos ancorados.

Presságios de luar
mas não é noite ainda
vestígios de escama e alga
flamejam na retina.

Fanais lançam nas águas
do mar seus estilhaços.
A tarde já se deita
nos barcos ancorados.

II

Nas tardes de vento e espuma
chega o odor das entranhas do mar.
Cheiro de escamas e memórias naufragadas.

Cheiro de alcatrão, cheiro
das vagas martirizadas pelas rochas
cheiro de oceanos sonhados pelas gaivotas.

Nas tardes de maresia e de âncoras
lenços molhados de adeuses
acenam para os mortos.

A TARDE E O MAR
Para Marly Vasconcelos

A tarde
feita de areia
e espuma
desliza sobre romarias de
folhas e dunas
desenhadas pelo vento.

O mar, tigre
no cio
ruge num horizonte longínquo.

A noite se aproxima
com sua cauda
de sombras, leopardo
a caminho
de uma ceia de abismos.

A luz já recua.
E a tarde, em chamas,
se deita
no gume de foice da lua.

A noite o encontra na rede
de corda.
Acende o cigarro de palha
e a fumaça
o leva
de volta às dinastias do mar.

O peixe, arisco, não lhe
rende nada.
O sonho
a casa de palha
a jangada sem mastro
e sem vela.
A vida sem rumo
o cheiro das entranhas do mar
cheiro de prostituta
bêbada que
lhe entra pela janela.

TERCETOS

Para Carlos d'Alge

Bom é ser de carne e osso
seduzir na hora certa
e entrar pela porta aberta.

Bom é ver o firmamento
passar e olhar de cima
o dorso arcaico da rima.

Bom é mover os remos
de prata da nau de Eros
rumo às colinas de Homero.

Bom é escutar a fala
dos mortos e seus violinos
em noites de chuva e limo.

Bom é saber que o poema
renasce a cada minuto
das cinzas do nosso luto.

Bom é fustigar a égua
da noite e seguir na frente
do apocalipse iminente.

Bom é despir a máscara
de alvaiade, estar no centro
do palco e não estar dentro.

Bom é, sendo ou não sendo
parte do todo infinito,
mamar no seio do mito.

DISCURSO DO REI DE CORINTO

É do conhecimento de todos os mortais.
Depois que Júpiter, o raptor de
Egina, me enviou a Morte,

fui obrigado a acompanhá-la
às profundezas dos Infernos. Também
sabem que no reino dos mortos

tenho de carregar uma pedra
até o cume da montanha de Lúcifer,
deixá-la rolar e erguê-la de novo.

Assim têm sido meus dias e minhas noites
no reino das sombras. Mas não
desisto de seduzir a pedra.

Na eternidade o tempo não passa.
Eu e a pedra somos iguais
a dois amantes fulminados pelo êxtase.

Imagino que numa possível rebelião das esferas
a pedra esquecerá de mim, e estarei livre
pelos séculos dos séculos. Amém.

TANGEDOR DE CAMELOS

*A*rabe, tangedor de camelos
íntimo do deserto
e das areias
tocava lentamente as caravanas
guiado pelo odor da água
a setenta léguas
de algum oásis sonhado
pelos beduínos
e também pelo cheiro de sândalo
dos seios das dançarinas
ao luar dos gumes das adagas.

ANEDOTA MINEIRA

*A*bem da verdade
ele não era
um poeta adamantino.
Era apenas
um poeta diamantino
porque nascera
em Diamantina, cidade
das Minas Gerais.

MONÓLOGO DO QUIXOTE

Sei que pareço estúpido com a minha
espada de cavaleiro
dos tempos medievais.

Sei que zombam de mim
das costelas expostas do meu cavalo
e do burro do amigo Sancho.

Sei que tudo não passa de um sonho
que a minha vida se confunde
com os moinhos de vento.

A lâmina do sarcasmo não me atinge.
Continuo celebrando os encantos
das donzelas de Espanha.

Se as minhas bravatas provocam riso
se agradam às almas pequenas
haverão de servir para alguma coisa.

Deixo à eternidade o legado das minhas
ilusões. Combati o bom combate.
A lua de Espanha será meu epitáfio.

ESPELHOS

Para Linhares Filho

Os espelhos de Borges e a diversa plumagem das palavras. Os recintos da ira e do sarcasmo. Os labirintos e espirais das metáforas do persa.

A velhice dos homens e dos deuses e o galope incessante das esferas em suas órbitas de fogo. As eras ceifando as horas e engolindo os meses.

A fuga do guerreiro e do ciclope. O dorso do crepúsculo já avança na sombra que se extingue e continua.

A tarde chega ao fim sem que se note. O vento cambaleia na faiança onde um fauno se despe para a lua.

SÍSIFO E A PEDRA

Para Majela Colares

*D*e tanto tempo que faz
que vivo abraçado à pedra
meu corpo já se mistura
ao sangue que sai da pedra.

Nas longas noites do Inferno
às vezes a minha sombra
salta do meio das chamas
e vai em busca da pedra.

Enquanto me entrego à pedra
à morte e a seu pastoreio
a pedra me acaricia
e às vezes me oferta o seio.

Aos deuses que me castigam
e me envolvem nessa trama
aos deuses que me têm ódio
direi que a pedra me ama.

Direi que o tempo é a mortalha
dos argonautas da treva
que já fui rei de Corinto
o maior dos reis da terra.

FORMA NO ESPAÇO

(Sobre escultura de Oscar Niemeyer)

Súbita forma de flor
em seu caule de antúrio.
Exata como um pêndulo de prata.

Tão leve quanto o vôo
de um pássaro roçando o vértice
do infinito breve.

Forma tão pura de
esculpir a fugacidade
do mito que nos pastoreia.

Forma de asas que arrulham
à espera da liberdade
e do seu pólen.

Forma que respira
os frêmitos do azul. Forma
do enigma que se debruça em si mesma.

Forma de água límpida que não se turva.
Concha da mão que acaricia
a luxúria da curva.

TUDO VALE A PENA

Tudo vale a pena
se o amor é coisa plena
e cristalina.

Tudo vale a pena
se no lugar da avena
o pólen que germina.

Tudo vale a pena
se a unidade e a dezena
formam a unidade trina.

Tudo vale a pena
se a morte não te acena
do topo da colina.

Tudo vale a pena
se mudas o poema
em cobra dançarina.

Tudo vale a pena
se Ana Bolena
te bolina.

A noite se desprega
das bordas do hemisfério.
A lua, dançarina
gótica em seu trapézio.

O cristal dos ruídos
se parte nos rochedos.
Os lagos são retinas
das asas dos morcegos.

Espíritos vagueiam
entre augúrios e raios.
Jorra sangue dos olhos
dos lobos, e presságios.

O pio das corujas
amola a sua foice.
O mistério gorjeia
nas artérias da noite.

A alma escuta o som
desses mistérios todos.
E o clamor dessas luas
que pastoreiam os lobos.

PASTOR DE CABRAS

Para Virgílio Maia

*F*ui pastor de cabras
e de rios secos
rezei pelas vacas que morreram de sede
e os bezerros que ficaram
órfãos e foram alimentados com
o leite dos pássaros.

Rezei pelas vértebras da paisagem
pelo sangue das pedras
pelas árvores e seus esqueletos
de faraós, pelas portas
fechadas das casas onde a lua
dialoga com os mortos.

Rezei em memória do vento
que à noite pastoreia
as lavouras soterradas de meu pai.

Rezei pelos seios da terra
pelo aniquilamento dos pássaros
pela volta da chuva
e a diáspora das borboletas.
Rezei pelos naufragos do amor
do tempo e da eternidade.

Rezei pelos espantalhos de braços abertos
rezei pelos afogados daquele rio
que não seca nunca.

A TARDE E OS TIGRES

Ao poeta Sinésio Cabral

A tarde vem chegando a passo tardo
quando os tigres dardejam nas clareiras.
O ocidente são brasas de fogueiras
da mesma cor do cio do leopardo.

Vêm do albatroz esses murmúrios largos
das ondas que deslizam nas ladeiras.
Os aromas dos vinhos pelas eiras
falam de amor no cântico dos bardos.

Essa tarde de Ulisses, essa tarde
de Tróia consumida pelo fogo,
não dorme o herói na tumba do covarde.

O fulgor dessa tarde é seu epílogo.
A lâmpada dos deuses já não arde.
Perde-se o homem nesse inútil jogo.

A límpida
lâmpada do pórtico
clareia o óbito.

A pálida
lâmpada do mármore
clareia a lápide.

A lâmpada do vértice
corta a pirâmide
e sua hélice.

A lâmpada do
viático incendeia
o pássaro do paráclito.

ASSIM FALAVA O REI DE CORINTO

Digo às matilhas da noite
e às alvoradas do olimpo
confesso à sombra de Ulisses
que já fui rei de Corinto.

Sabem deuses e mortais
sabe o abismo que não minto
quando confio às entranhas
que já fui rei de Corinto.

Perdi a voz e a memória
nestas paragens de absinto
porém as trevas me dizem
que já fui rei de Corinto.

Digo às estrelas mais altas
do firmamento o que sinto
digo à infausta romaria
que já fui rei de Corinto.

Digo às harpas das escarpas
e aos mortos deste recinto
digo ao sol da eternidade
que já fui rei de Corinto.

Digo aos ventos que arrebatam
as folhas do terebinto
digo às serpentes do Letes
que já fui rei de Corinto.

Digo ao céu, que esmaga a terra
no centro de um labirinto
digo aos anéias de Saturno
que já fui rei e Corinto.

MEMÓRIA DO ARCO-ÍRIS

Ao amigo Pardal, a poesia no conto

O vento veio de um ponto remoto do céu
destelhou as casas do povoado
dispersou as cabras e os cabritos
arrancou os mourões de aroeira dos cercados
varreu as águas dos rios, o limo
das cisternas que restaram do dilúvio
mudou em sangue o leite das vacas paridas
dizimou os bezerros e as galinhas
alterou o ciclo menstrual das meninas
as mulheres casadas perderam o cio, os seios
murcharam, os ventres ficaram estéreis
os homens, sem desejos, não foram mais
aos bordéis, o padre fechou as portas da igreja
só os morcegos cambaleavam pela
sacristia com as asas dilaceradas pelo vento.
Quando tudo acabou, o tempo já não era o mesmo
as pessoas mudaram de rosto nas fotografias
as noites ficaram mais longas, os dias
mais curtos e os mortos, expulsos
de seus túmulos, voltaram a ser parte da velhice
da chuva e da memória do arco-íris.

TESTAMENTO DE ODISSEU

Para Ivan Junqueira

Sou filho de Laertes, diz a lenda
sonhada por Homero tantas vezes.
Passei dez anos na fogueira horrenda
dos mitos e dos deuses.

Dizem que em Tróia estive entre os primeiros
não desonrei os meus antepassados.
Vi com tristeza alguns dos companheiros
em porcos transformados.

Abandonei Penélope e os borregos.
As velas e os meus sonhos naufragaram
no abismo que destrói.

Junto de Aquiles me encostei aos gregos.
Os meus infortúnios não terminaram
quando voltei de Tróia.

II

Ao regressar de Tróia ao solo pátrio,
meu coração transborda de veneno.
Canalhas profanaram os meus lençóis
de linho cor de feno.

Fui dormir com as ovelhas e os cavalos.
Virei mendigo aos olhos dos rivais
e deles me vinguei com a mesma espada
que herdei dos ancestrais.

Voltei a meu palácio, à minha esposa
e ao meu cão de linhagem generosa
que me guardou no faro

enquanto estive à ilharga dos troianos
lutando contra a fúria de seus dardos,
seus deuses e seus danos.

III

Mil noites passei em claro
saudoso do sol de Ítaca.
Descendo dos argonautas
da grande alvorada mítica.

Ainda escuto as espadas
e o som de seus brilhos verdes.
Vejo os fantasmas de Tróia
ardendo nas labaredas.

As palavras de Telêmaco
(sábias e honestas palavras)
que lhe saíam da boca
com o resplendor das adagas.

Negros olhos de Penélope,
abaixai vossas pestanas
que Odisseu está de volta
para arder em vossas chamas.

Já teceste minha túnica
com a lã das madrugada.
Vosso corpo cheira ao cedro
das lareiras apagadas.

IV

No tempo dos rebanhos e das flautas
jamais pensei juntar-me à romaria
dos deuses e argonautas.

Nos campos de meu pai passava os dias.
À noite os adivinhos me embalavam
ao sol das utopias.

De sonhos maus liberta, a minha fronte
circundava os extremos do hemisfério
de horizonte a horizonte.

Perdido andei por caminhos incertos.
Por onde estive, sempre estive a audácia
das flechas de Laertes.

Sangrei um javali de oitenta quilos
de cuja pele fiz soberba túnica
para o altaneiro Aquiles.

Meu corpo são repousava na idéia
da harmonia. Minha força transbordava
dos peitos de Anticléia.

No céu de Homero a luz era uma jóia
na tarde em que os vencidos me ofertaram
as vértebras de Tróia.

V

Cedo me ensinaram
o valoroso ofício
de remador de barcos.
Cedo aprendi com meu pai
o manejo das flechas e dos arcos.

Imberbe ainda
o mar me seduziu.
Em Ítaca, nos longos estios
desfraldei aos ventos
as velas dos meus doze navios.

À luz das órbitas de feno
das alimárias, meditei
em noites de chuva e raio.
Devassei a terra dos escorpiões
em meu cavalo baio.

As cordas do meu alaúde
celebraram deusas e suas mechas.
Os tigres mais robustos
desmaiavam ao assobio das
minhas aladas flechas.

Cedo aprendi com
meu pai que a soberba destrói
o mito. E que aos mortais
não basta vestir
a mortalha do herói.

VI

Se me lembro de Tróia devastada,
às vezes me atormento, às vezes me interrogo.
Do filho de Laomedonte a altiva espada
foi vencida pela soberba e pelo fogo.

Príamo não resiste ao longo assédio
dos gregos, que não se contentam com migalhas.
Ilo deve ter chorado de tédio
no túmulo, ao fragor das troianas muralhas.

Tudo isso se passou, segundo a lenda,
como se tudo fosse uma verdade escrita
com sangue no pergaminho, na fenda
de uma pedra ou no mármore cosmopolita.

Nem Príamo nem o jogral, vestido
com a sua túnica de pele de bisonte...
Só os ventos do vórtice infinito
choraram sobre as cinzas do rei Laomedonte.

Aqui lutaram com bravura e afinco
o guerreiro valente e o soldado bisonho.
Os grandes deuses sabem que não minto.
Tróia foi uma luz que não passou de um sonho.

LAPIDADOR

Para Sânzio de Azevedo

*T*u lapidavas o ouro dos tigres
de Bengala. Eras profeta e mago.
Foste rapsodo às portas de Cartago
num tempo de adivinhos e de intrigas.

Decifravas a esfinge dos espelhos,
seus vaticínios e seus dialetos
de luz e sombra. Teoremas, sonetos
de Gôngora, as diásporas dos velhos.

Vêm de Madrid os ventos de Toledo.
Trazem canções e estrofes de Quevedo
que inundam toda a Espanha com seus raios.

Agora, que os touros morreram, podes
cantar os labirintos, os desmaios
das tardes e as revoadas das odes.

No pote a água que vem
do poço (sabor de lua).

Na água o rosto que já não
vejo mas continua.

Água do pote que vem
do arroio para a cisterna.

Água de argila semeia
o pólen da vida eterna.

OVO ESTRELADO

Para Astrid Cabral

Parece um olho que nos
contempla das profundezas

do ser exausto. Olho
de pássaro flechado em vôo.

Olho de estrela que
foi expulsa de sua órbita.

Parece um olho que já
não chora por sua lágrima.

PEDRA

*P*edra porosa de amolar
facas, foices, punhais.

Pedra da escarpa polida
pela chuva e os lagartos.

Pedra onde o vento semeia
espigas, asas de abelhas.

Pedra onde às vezes brota
o esporão de rosas vermelhas.

REDE

*N*a rede branca dormiu
a noiva antes do rapto.

Ainda perdura o odor
de relva do corpo amado.

Ao sol do linho, curvas
e montes, conchas, relevos

pulsam nas veias da rede.
A noiva na égua da noite.

VIGÍLIA

*N*avega o morto na sua
barca. Vozes, sussurros

olhares, súplicas, gestos
e aromas de rosas fúnebres.

De gesso, o Cristo a tudo
assiste. Velas de cera

nos candelabros. O silêncio
dói mais que as palavras.

MESA

*M*esa e faiança: tudo exala
odor de vinho e seio.

Erguem-se brindes (vivos
e mortos) a um deus de areia.

Taças repletas, risos
de prata, fímbrias de seda

roçam de leve por entre
as nádegas dos violoncelos.

LAGARTO

*M*anhã de agosto, frescor
de orvalho em cada coisa.

O sol no vértice cai
de maduro sobre o lagarto.

Pastor de abelhas, mastiga
as víboras e engole os raios.

Ao sol dos cactos, na pedra
em chamas sonha o lagarto.

ANDORINHAS

*A*s andorinhas pousam
na tarde. Rumor de asas

cavalga o espaço, rumo
às espumas do fim do dia.

As andorinhas descem
das nuvens, pousam nos fios

da rede elétrica. Harpas
sem cordas, as andorinhas.

BOI DE ARGILA

O boi de argila não pasta
a relva nem bebe o rio.

Rumina o vento que muge
à noite nos descampados.

O boi adivinha o cio
das novilhas no pastoreio.

Sonha com o sangue dos
bois expostos em nossa mesa.

SAPO

O sapo é feio mas o seu
canto clareia as trevas.

Sua guitarra de seresteiro
acorda o sol e os galos

da madrugada. O sapo
é feio mas a matéria

de que ele é feito preserva
a música da eternidade.

VIAGEM AO CAMPO DE CENTEIO

Somos a sombra da nuvem aprisionada
nos labirintos da água. Erguemos
um brinde à sedução da matéria
ao corpo e suas galáxias de cristal.

No limiar da vertigem a morte
nos visita, que é tempo de ceifa.
Mas a morte não nos ensina
as suas enfurecidas caligrafias.

Somos a memória atirada aos abutres.
O mito ardendo na sua chama
o mito decapitado pelas
hélices de todas as rotinas.

Somos e não somos o argonauta
da libido. Anjo sem órbitas
que desfolha o sexo das amadas
com seus dedos e adagas.

2

Somos e não somos a palavra
e seu precário esplendor. A palavra
e sua placenta tatuada de sangue
recendendo à memória dos peixes.

A espiga de centeio que apodreceu
no celeiro. Orquídea ressuscitada
na lama. Somos o músculo do primata
que rompeu o hímen das eras.

Somos a face do sarcasmo
a ruptura das coisas, o visgo
da ausência e da luxúria
o fel que transborda do adeus.

Somos vassallos de um rei destronado
pela volúpia. A face arcaica
do rei e sua memória degolada
pelo alfange de todos os remorsos.

3

O espantalho de sexo de vidro
que teve a sua genitália
mutilada pela cólera dos pássaros.
O palhaço de um circo que pegou fogo.

O domador que fugiu com a trapezista
e foi morar na toca das raposas.
Aquele que rasgou a máscara
de argila e foi vaiado pela platéia.

Somos o que não sentimos
vassallos da solidão e do pecado
cinzas de labaredas apagadas
o albatroz que se afogou no mar.

Vagamos pelas ruas de Gomorra
depois de sermos expulsos pelo anjo.
Somos a romaria de fantasmas que atravessou
as arcadas de cinza da cidade maldita.

4

Somos o tempo esvaído, o tempo
coagulado em nossas artérias.
O tempo que germina além dos sentidos
e apodrece dentro de nós.

Somos a raiz de fogo que dilacera
a intimidade da pedra e da seiva.
Tecedores de utopias e de mortalhas
de organogramas e de orgasmos.

Somos a eternidade que se escoia
entre os dedos e pétalas dos minutos.
Um rio que deságua noutra rio
mas continua inteiro em suas conchas.

Guardamos reminiscências de papiro
em gavetas de cedro e de cimento.
Cada qual escreve seu epitáfio
e desenha o contorno de sua mortalha.

5

O crepe do vento é uma túnica
de espantalhos. O vento pastoreia
os dias e as espigas. Tudo
amadurece no celeiro das idades.

As utopias da próxima estação
já não as veremos em nossa porta.
Sonho que já não muda de pele
recende a esqueleto de coisa morta.

Somos o palhaço que raptou
os seios e o hímen da trapezista.
O picadeiro onde os leões
foram substituídos pelos gatos.

O circo devorado pelas labaredas
do zodíaco, ao luar das cordas
das guitarras. Os funerais do circo
e seus mastros de navio que naufragou.

6

Para Stella Leonardo

São nuvens amarelas
no horizonte de fogo
esqueletos de arcanjos
pintados por Van Gogh.

São rebanhos de vento
noivas de espuma e orvalho
que desenham no céu
seus movimentos claros.

São sombras desse povo
ou leite desses ubres
de lobas que amamentam
deusas de ovários rubros.

São nuvens bailarinas
sonhadas pelas noivas
cujos rastros de vinho
tornam rubras as coisas.

São formas que se abraçam
entre línguas de fogo
cabeças de cavalos
pintadas por Van Gogh.

7

Passa o teu corpo expulso das sombras
e o cristal lapidado pelas ondas.

Passa a romaria dos deuses gregos
com seus vassalos e seus mantos negros.

Passa a pastora com seu pastorzinho
e o frescor dos seus peitos de linho.

Passa o vento entre flores de hortênsias
e borboletas de orelhas imensas.

Passam as águas do rio de Heráclito
sob o olhar do sábio e do mentecapto.

Passam mendigos embaixo da ponte
choram por eles as águas da fonte.

Passa o marulho dos teus vestidos
e ergue a fímbria dos meus sentidos.

Passam os reis condenados à forca
e jograis cantando versos de Lorca.

Tudo passa entre o céu e o mar.
Só não passa o desejo de ancorar.

8

A história nos ensina
desde o arco-da-velha
que Vincent Van Gogh
decepou uma orelha.

Também dizem que o espaço
virou uma centelha
no instante que Van Gogh
decepava a orelha.

É certo que Van Gogh
desenhou uma abelha
com o sangue que jorrava
do pedaço da orelha.

O que todos não sabem
é que o sangue da orelha
era a asa amarela
de uma rosa vermelha.

9

Para a maioria das pessoas
a morte continua sendo
uma coisa inventada
por algum adivinho.
Principalmente se ela
acontece na casa do vizinho.

10

Ergue a tampa da tumba onde dormes
em paz, mas não voltes nunca
aos vestibulos da cidade maldita.

Então eles já terão destruído
as pilastras e obeliscos de algarismos
com seus flatos de baleia.

O vento apagará as parábolas dos cretinos
que hoje semeiam utopias e epitáfios
no coração do povo dilacerado.

11

A nudez é um vinho
que nos embriaga
um vinho que bebemos
à espera da morte.

Um punhal de luxúria
cravado em nosso peito
punhal que nos ensina
a carícia da morte.

A nudez é uma teia
de volúpia e cristal
nessa teia balouça
o sudário da morte.

12

As secretas portas do teu corpo
se abriram para mim.

Desci às vertentes de limo
do rio de tuas artérias
voltei à memória dos tempos
aos primórdios da concha e da nudez
aos ácidos de tua sedução
ao cerne do cerne.

Vivi a plenitude do amor.
Mergulhei no lago salgado do êxtase
como se voltasse à infância do mito e das eras.

13

O herói e seu busto
à sombra do arbusto.
Nada mais justo.

Aos ventos da história
o busto e a memória
perdem fama e glória.

Sarcasmo que dói:
o tempo destrói
as medalhas do herói.

O herói e seu mito
seus pés de granito
seu tédio infinito.

14

Tarde que nos acaricia com a sensualidade
da cauda de um gato.

Tarde que se evapora pelas rachaduras
dos cascos dos navios.

Tarde que enxuga os cabelos molhados
na cauda do arco-íris.

Tarde consumida pelos ácidos do orgasmo
e a volúpia das marés.

Tarde que desenha nas entranhas da alma
o emblema do adeus.

15

A tarde cede lugar
à noite que vem do mar.

Pingam gotas de lua
nos seios da moça nua.

O vento refaz as rotas
sonhadas pelas gaivotas.

Um peixe azul se insinua
nas coxas da moça nua.

Odor de amoras e amores
na tarde que alonga as horas.

Sou uma nau que flutua
nas ondas da moça nua.

Segunda Parte

EXERCÍCIOS DE UTOPIA

Se por experiência se adivinha,
Qualquer grande esperança é grande engano.

Camões (Sonetos)

SONHO DE ÓPIO

*A*s vezes preciso sonhar
que não sonho
que tudo é real como um sonho
que tudo não passa de um sonho irreal.
De um sonho de ópio.

Às vezes preciso sonhar que não sinto
que pareço o que não sou.
Um objeto de carne e fantasia
um Pierrot sem máscara
à deriva das tentações da alma.

Às vezes preciso acreditar que
sou apenas um sonho.
O sonho de um bêbado que tropeçou na lua
e a lua era a metamorfose
de uma garrafa de vinho do Porto.

Às vezes me encontro à beira do sonho
às vezes me sonho náufrago de um sonho
na encruzilhada de todos os dilemas.

Às vezes desperto do sonho
e percebo que tudo na vida não passa de um
sonho sonhado há muito tempo.

MILONGA PARA D. QUIXOTE

Ao grande poeta Alencar e Silva

Teu velho Rocinante
de pelagem castanha
semeia a liberdade
dentro e fora da Espanha.

Teu sonho pastoreia
as terras que o Douro banha
o direito à esperança
dentro e fora da Espanha.

Teu vulto lembra o caule
do cedro da montanha.
O mito te persegue
dentro e fora da Espanha.

Por colinas e vales
a lenda te acompanha
montada em seu onagro
dentro e fora da Espanha.

O mito te ilumina
com sua luz estranha.
Lanças flechas de vento
dentro e fora da Espanha.

Ó mestre da façanha
da espada e do estandarte.
Lanças por toda parte
dentro e fora da Espanha

EXERCÍCIO DE UTOPIA

Ao amigo Pedro Paulo Montenegro

*I*magino que o sol doura as estradas
e logo vejo as éguas seduzidas
pelo rumor de antigas cavalgadas.

Imagino que as flautas vão aos montes
e logo escuto os passos de Virgílio
tangendo os seus rebanhos para as fontes.

Imagino que a noite é mais comprida
e logo penso que o mistério enrosca
sua cauda de serpente em nossa vida.

Imagino que um fauno tece a trama
do amor, e logo entendo que essa febre
é mais nuvem de estio do que chama.

Imagino que tudo é fantasia.
Que o tempo nos devora, segue em frente
e só volta no dorso de outro dia.

LOBOS & HOMENS

Para Soares Feitosa

*D*izem que os lobos uivam
quando estão no cio
ou quando o sangue da lua desenha
no céu sua caligrafia
de presságios.

Dizem que em noites de vento
e de chuva, os lobos uivam pelos
mortos e os pastoreiam
nas encruzilhadas.

Dizem que os lobos sentem
o odor das fêmeas e são seduzidos
pelo cheiro de volúpia e mel
que elas semeiam pelos caminhos.
Só
não dizem que os homens
também uivam quando amam.

O TEMPO E SUAS FLORAÇÕES

Para Abelardo Vasconcelos

Era o tempo das vacas ruminando
a infância dos bezerros. Era o tempo
das uvas e raposas dançarinas,

das gaivotas flechadas pelo arcano.
Era o tempo dos pêssegos do vento,
do amor que explode os seios das meninas.

Era o tempo das tardes de mormaço,
dos pássaros que emigram, dos estios
polindo o mar e os remos do argonauta.

O tempo das marés que tocam flauta,
do sol de outubro e seus punhais de aço,
das moças fecundadas pelos rios.

Era o tempo das núpcias dos insetos,
das lagartas famintas que devoram
até mesmo a folhagem dos sonetos.

Cadeira a barlavento
ancorada na ausência
da nossa utopia.
Ninguém já te espera
na sala vazia.

Cadeira onde a moça
às vezes ardia.
Cadeira dos mortos
ninguém já te afaga
em noites de orgia.

Cadeira sem rosto
e sem simetria.
O vento te embala
mas é a eternidade
que te acaricia.

2

Cadeira de cedro ou de jacarandá
sob a luz da lâmpada
na sala deserta.

Só as plumas do silêncio
falam dos mortos cujo sangue
ainda corre nas veias da cadeira.

Invernos e estios não apagaram
do seu corpo a memória
de tantos exílios.

QUINTETO

Para Artur Eduardo Benevides

1

A ramagem do vento agita os lagos
e os sinos pendurados nas igrejas
cor de ocre. Funerais e ladainhas
pelas naves caiadas vão subindo
rumo ao céu encarnado de setembro.
A santidade exhibe essa volúpia
de noivas cortejadas pelos anjos.
Andorinhas de volta ao campanário
cobrem as estátuas com seu limo negro.
Os domingos grudados nas paredes
pelas naves caiadas vão subindo.
O vento é alguma ovelha tresmalhada
de volta à flauta e aos olhos do pastor
que das alturas vela o seu rebanho.

2

Os pássaros são os anjos da terra.
Fazem seus ninhos dentro das igrejas
e põem seus ovos nos beirais das casas
onde a chuva os embala o tempo inteiro.
São criaturas de argila fecundada
pelo pólen dos astros e dos deuses.
Quando os sinos repicam, anjos pássaros
pelas naves caiadas vão subindo

rumo ao céu de Penélope e de Homero.
Ó pássaros vestidos de argonautas
remaí com vossas plumas, vossas penas
para que as ondas desse mar do tempo
não caíam sobre nós nem nos transformem
nas estátuas de pedra do Vesúvio.

3

O rio vai passando pelas águas
e as águas vão passando pelo rio
onde os homens se afogam, se convertem
em corpos mutilados de meninos.

Nas águas desse rio não te banhas
mais de uma vez. São águas que não se
repetem. Cavalos alucinados
em cavalgada para o mar de Ulisses

O rosto dessas águas me recorda
me viu pela janela envidraçada
de um sonho sem pilastras, sem paredes
sem quartos para os ritos da volúpia.
Rio-Mulher que me ofertou seu vinho
na noite antiga em que voltei de Tróia

4

Odor de barro chega das taperas
traído pelo vento e pela chuva.
Abril semcia um rastro de aleluias
no espaço constelado de utopias.

O sol dardeja e a vida nos trespassa
com seu punhal de aromas e zumbidos.
Borboletas vestidas de medusas
suspensas das arcadas do equilíbrio.

As éguas negras são do faraó.
Pastam miragens ao luar do cio
e o tropel dos cavalos seduzidos.

Cigarras erguem seu clamor metálico.
Jorram augúrios dos olhos dos lagartos.
O chão molhado cheira a palha e seio.

5

Meninas vão florindo nas estradas
entre vozes campestres vão florindo.
Seus corpos, esculpido por um fauno,
são leves qual fantasmas dançarinos.

Parecem feitas de uma argila fresca
ou de cristal raiado pelo vinho.
As horas vão fugindo e levantando
as fímbrias orvalhadas dos vestidos.

Vão subindo a ladeira da vertigem.
Os dias são levados pelos pássaros
na carruagem de fogo das esferas.

Mas seus vultos flamejam na memória.
São Valquírias sonhadas por Picasso
entre as chamas do orgasmo e do delírio.

A poesia é uma diáspora
de palavras
algo que não se toca
nem se vê.

A poesia é um estandarte
de papel
dilacerado pelo vento na tarde azul.

A poesia é nada
o mito que ressuscita das cinzas
do pássaro.
A nau do tempo ancorada
no eterno.

MONÓLOGO DA BENGALA

Sou a tua perna
que se move no espaço.
Sou um planeta de vidro
dentro de sua órbita.
Sou a tua perna tríplice
que te ensina a dançar
um tango argentino.
Sou a tua perna de cedro
a perna que atravessa
o rio do tempo.
Sou tua perna dinâmica
tua perna mecânica
tua perna botânica
tua perna satânica.
Sou tua perna de aluguel
danço o amor e a morte
ao som dos tambores
do Bolero de Ravel.
Sou tua perna provisória
imune ao reumatismo
e à ciática. A tua perna
de olho no mundo.
Sou a perna que te governa
e que às vezes acredita
na vida eterna.

ÉGUA DA NOITE
Para Alano de Freitas

A noite é uma égua
seduzida pelo
cio e os olhos dos pântanos.

A égua da noite
conduz os faraós para
suas catacumbas de linho.

A noite é uma égua
de olhos castanhos
e sexo de papiro.

Égua da noite alta
tua placenta é a cauda
da via-láctea.

NEXO

Para José Alcides Pinto

*S*e em tudo na vida existe um nexo
é preciso encontrá-lo a todo custo
até mesmo no fato desconexo.

Uma teia de aranha lembra o plexo
solar. Rio de artérias que deságuam
num lago que reflete o seu reflexo.

O corpo é mais sombrio, mais complexo
do que imagina a vã filosofia.
Vivemos entre o côncavo e o convexo.

Voltamos para o sax ou para o sexo.
Eros esconde seu anzol de prata
entre as coxas do acento circunflexo.

NOITE

*N*ão contemplamos a noite
por causa das estrelas.
Contemplamos a noite
porque é imensa.

Não contemplamos a noite
porque é imensa.
Contemplamos a noite
porque é nossa Mãe.

A vírgula
uma lágrima
suspensa
do vértice do olho.

a lágrima
o vértice do olho
a vírgula
o vértice da lágrima.

a vírgula
uma lágrima
expulsa
do olho da rima.

a vírgula
lágrima do verso
a lágrima
metáfora da vírgula.

A vida é um risco
a morte um confisco.

A vida, um jogo de cartas
a morte em todas as partes.

A vida é um rio cheio
a morte a pedra no meio.

A vida é uma travessia
a morte o beijo da enguia.

A vida é o salto do tigre
a morte o sonho que emigra.

A vida é o cio das coisas
a morte o esgar das raposas.

Vida, cio da arte.
Morte, elo que se parte.

Cavalo é aquilo
gerado pelas águas
e éguas do Nilo.

É a chama do traço
que gorjeia num
desenho de Picasso.

Cavalo é muito pouco
do que se sabe
do seu trote barroco.

É a trama das léguas
tecidas pelas crinas
e o cio das éguas.

Cavalo é um sistema
de artérias onde circula
o sangue do poema.

Cavalo é o que torna
à infância do potro
no ventre da forma.

CANÇÃO DO RUMOR

*A*ldeias de nuvens se erguem nas colinas do céu.
Tudo infinitamente branco e vazio.

O silêncio irrompe e acorda a paisagem.
Ovelhas ruminam o cio numa tarde de espumas.

O horizonte infinito avança para o mar.
O azul imóvel balouça molemente nas águas.

Tudo nos convida para o exílio do corpo.
Mas o corpo já se despe para as núpcias da alma.

Melhor é ficar parado, ouvindo o rumor
das coisas distantes, da eternidade incessante.

O rumor dos pensamentos da amada
no instante de dormir e de acordar.

Todo sonho é um pensamento que se move
como as ondas do mar, como as ondas do mar.

IRENE REVISITADA

Para Carlos Augusto Viana

*I*rene calma, Irene preta
não sei se você ainda
se lembra de Manuel Bandeira.

Irene, a mais amorável das pretas
Irene nos jardins de Deus
entre borboletas.

Irene preta, Irene boa
Irene consolando os pássaros
que também voa.

Irene preta, Irene clara
Irene rezando pelos mortos
da Candelária.

Irene preta, Irene apenas
Irene convocando os anjos
para as novenas.

Irene preta, Irene mulata
Irene vestida de noiva
sob uma chuva de prata.

Você é a mais alta
ó preta Irene, na hierarquia
do céu. Lausperene.

PÁSSARO DE TRÓIA

Para Inocência de Melo Filho

E veio a chuva e veio a ventania.
E veio o mar com todas as gaivotas.
E veio a noite. E veio a romaria

dos astros amortalhados. E veio
a que foi rainha depois de morta
com seu brasão de sangue em cada seio.

E veio a cobra. E veio a primavera.
Veio o candelabro de sete chamas
e veio o raio e seduziu a esfera.

E veio a borboleta e fez o linho.
E o bicho fez a pluma e fez a seda.
E veio o amor e muda a água em vinho.

E veio o arcano. E veio a metanóia.
E veio Homero envolto em labaredas.
E veio um grande pássaro de Tróia.

ANJO ARCAICO

Para Gilberto Mendonça Teles

*E*ra um velho anjo de asas partidas
pelos ventos de Lúcifer
dormia à sombra dos pórticos onde
os mendigos rastejam
à procura dos olhos das mães
e do afago dos cães.

Um anjo arcaico expulso do éden
pela ira de Deus
vagava pelas esquinas da lua
com seu velho alaúde
de sonoridades dilaceradas
catava restos de pães nas galáxias
para os fantasmas das mães.

Era um velho anjo esmagado
pela memória de Sísifo e a nostalgia
da eternidade.

BARCA

Para Iranildo Sampaio

Sou uma barca
de exílios extraviada
na memória dos naufragos.

Sou o vértice
da noite voltado
para as fogueiras da lua.

Sou a taça de pedra
onde os lagartos bebem
o vinho do vento.

Sou o espinho
da rosa envenenada
pelos seios de Cleópatra.

Sou um fragmento
do abismo, iluminado
pela ausência de Deus.

A noite é o solar dos ventos e dos mortos
que se erguem das cinzas de Tróia.
A noite é nossa mãe.

A noite é um navio fantasma
ancorado ao largo de si mesmo.
A noite é nossa mãe.

A noite é uma cavalgada na escuridão
o mar espetado no abismo.
A noite é nossa mãe.

A noite é a consoladora dos bêbados
dos mendigos e dos bastardos.
A noite é nossa mãe.

A noite é bálsamo derramado
no coração dos aflitos.
A noite é nossa mãe.

À noite todos os pensamentos são pardos
todos os gatos são bardos.
A noite é nossa mãe.

AS TARDES EMIGRAM

Para Rita de Cássia

*P*ara onde vão as tardes quando
o sol mergulha a cabeça raiada de ouro
e sangue nas profundezas do mar?

Para onde vão as tardes quando
a noite sai do seu claustro e os sinos
começam a dobrar pelas andorinhas mortas?

Para onde vão as tardes com seus rebanhos
de espuma quando os bêbados regressam
ao pastoreio dos seus mitos de palha?

Para onde vão as tardes em suas carruagens
de fogo quando o espantalho levanta
seus braços de feno para o céu?

Para onde vão as tardes carregadas
pelas eras, quando as ondas e suas crias
começam a rugir como feras?

Como todo homem parido de mulher
carreguei nos ombros minha
cruz de remorsos rumo
ao calvário do sonho
e da liberdade.

De queda em queda, minhas vestes sangraram
nos espinhos da parábola.
Quando cheguei ao cume da agonia
um anjo de olhos de peixe
me ordenou: volta pelo mesmo
caminho e começa tudo de novo.

MISTÉRIO DA VACA

Para Gildemar Pontes

*D*a vaca só resta a nódoa
de sangue no capim seco.
Não resta sinal do rúmen
nem vestígios do esqueleto.

Da vaca não resta cheiro
de relva, não resta nada.
Nem o rumor do focinho
pastando os brolhos da várzea.

Da vaca não resta ao menos
a memória do seu rastro.
Nem o enxame reluzente
do moscardo no espinhaço.

Da vaca que ruminava
nuvens nas tardes de outubro
só resta o emblema de fogo
que lhe enfeitava a garupa.

Da vaca só resta a nódoa
de sangue nos tabuleiros.
O som do couro no exílio
onde os sapatos são feitos.

Sou um campo de centeio
destruído pela cólera dos pássaros.

Sou a esquina da rua onde
os bêbados tangem as cordas do vômito.

Sou o que lavou as nódoas de sangue
das últimas palavras do suicida.

Sou o que leu o bilhete do suicida
e suas cartas de amor para as namoradas.

Sou o que ouviu a serenata dos mouros
pelo sangue derramado dos touros.

Sou o viajante de um navio fantasma
à deriva dos ventos da morte.

Sou o que voltou do ventre da baleia
e encontrou as portas fechadas.

ENGANO & ESPERANÇA

Ao Prof. Emanuel Arrais

*S*e por experiência se adivinha
se pela nuvem se conhece o vento
se por amor dormimos ao relento
sob o orvalho dos seios da vizinha

Se o mar gorjeia, pássaro e elemento
se põe seus ovos antes da galinha
se o rei decreta a morte da rainha
e dela se liberta o pensamento.

Se o corpo volta à infância da caverna
se a esfinge nos decifra e nos devora
se a volúpia do enigma nos governa

Se viver ou morrer é sempre um dano
se o acaso nos golpeia antes da aurora
qualquer grande esperança é grande engano.

Vida, serpente
que muda de pele.
Ontem era verde
hoje é amarela.

Serpente de fogo
que nos pastoreia
a vida se enrosca
na sombra da idéia.

Seu dorso de limo
aos raios da chuva
o rumor dos anéis
na cauda volúvel.

A vida e seu faro
de serpente. Seu brilho
de pedra que apaga
os rastros do exílio.

A vida é o que resta
do parto da estrela.
Serpente que expulsa
o orgasmo da pele.

O tempo é um afluente que deságua
no rio dos mortos.

Não adianta olhar para trás
porque o tempo é desprovido de memória
não sabe de que tamanho
é a sensualidade do teu nariz.

O tempo é a fumaça de enxofre
que sai da boca do dragão.
O dragão que devora as entranhas
da noite e da eternidade.

O tempo é um dragão pousado
nos vidros das janelas.
Flutua na superfície dos espelhos
devora os seios das moças
e o rímel dos olhos.

O tempo é um demônio que se masturba
toda vez que as moças começam
a tocar os violinos da nudez.

É preciso ir à feira
onde se vende ilusão
e se compra um pouco de verde
para alegrar os sentidos
e afugentar as sombras da alma.

A feira na sexta-feira
não acaba antes do sábado
que tem cara de repolho
e esconde a dentadura
atrás do seu grande olho.

Também vou à feira
também reclamo em voz alta.
A vida é uma feira
onde se perde a inocência
de segunda a sexta-feira.

ARAUTO DAS SOMBRAS
Para Hildeberto Barbosa Filho

*U*m velho abutre de asas partidas
e penas esmagadas pelo vento
pousava todas as tardes
na cumeeira de nossa casa.

Os meninos o enxotavam com pedras
atiradas por seus estilingues.
Mas o velho pássaro não arredava
da cumeeira de nossa casa.

Numa tarde de chuva o velho abutre
não veio. Foi achado morto
à sombra de uma árvore devastada
pela divindade dos raios.

Passaram-se muitos invernos e estios.
Nunca mais o arauto das sombras
foi visto sonhando na cumeeira
demolida de nossa casa.

PLANTADOR DE GIRASSÓIS

Para César Lea

*V*an Gogh decepou
um pedaço de sua orelha
para irrigar com sangue a sua
plantação de girassóis.

2

A mesa, as cadeiras, a janela
para a rua, a cama, as paisagens
na parede, as roupas
dependuradas no cabide
a almofada vermelha
o girassol de sangue palpitando
no lugar da orelha.

3

A mesa plantada
no ladrilho flutua num espaço
de sonho. Tem a solidez
de uma pedra.
A mesa foge do espaço.
O espaço é que pulsa
ao redor da mesa.

4

A mesa e seus objetos
dardejam sob a luz amarelada da lâmpada.
A mesa tem uma gaveta.
Dentro da gaveta
talvez uma carta, o pedaço
da orelha, a memória de Van Gogh
reinventando os girassóis.

5

A cama trespassa o espaço.
Os lençóis. A metáfora
do sangue traz de volta o cio
e os contornos da mulher
ausente. A cama à espera do
orgasmo dos girassóis.

6

Na tarde amarela
o dorso amarelo das copas
das árvores.
As folhas das estações
é um rio amarelo que deságua
nas alamedas e nas mãos
em delírio de Vincent Van Gogh.

AS FERAS

Ao amigo Eduardo Diataby

Tantos são os mortos no meu caminho
que já não posso contá-los.

Tantas são as vozes que me trazem súplicas
que já as confundo com o vento.

Tantos são os passos que me seguem
por entre alamedas e epitáfios.

Tantas são as sombras que me acenam
da noite e de suas escadarias.

Tantas são as memórias que me consomem
tantas as dúvidas que me dilaceram

Que tenho a estranha sensação
de que me puseram na jaula das feras.

O homem está sempre só.
Em casa ou na rua
no cinema ou na catedral
no verso ou no espelho
no riso ou na lágrima
na hora da ceia e do orgasmo.
Está sempre só.

Quando vai para a cama
quando volta do amor
quando se veste de negro
para o enterro dos bandolins
quando vence e é vencido
ou quando diz adeus.
Está sempre só.

Sósia de Jó
coberto de sangue e pó
o homem sempre só
arrastando o seu trenó
em memória das avós
e de seus bandós.

Viver é como tomar
um porre de absinto
e acordar no outro dia
às portas de um labirinto.

Viver é mentir ao corpo,
saber que tudo é pilhéria.
Que o sonho acaba no esgoto
vencido pela matéria.

Viver é juntar palavras
na partitura de um samba
onde mulatas requebram
por cima da corda bamba.

Viver é despir a túnica
de rei ou de espantalho.
Desejar as uvas verdes
que estão na ponta do galho.

Viver é como tomar
um porre de vinho tinto.
Acordar fora do tempo
no ventre de um labirinto.

CONTO MEDIEVAL

Para Noemi Elisa Aderaldo

*E*is-me a vagar pela noite
quando vi certo mendigo
que tinha os olhos de peixe.
Parecia um anjo expulso
das portas do paraíso.

A Sombra não se moveu
nem quando me aproximei.
Pedi-me que não tocasse
as abas ensangüentadas
do seu sudário de rei.

Foi pastor quando menino,
tocava o rebanho e as flautas.
Era do tempo de Ulisses
quando as ondas embalavam
os remos dos argonautas.

A Sombra não se movia
nem passava pelo vento.
Mas o pulsar do seu sonho
tão real me parecia
quanto o seu vulto ao relento.

Ardia a noite no céu,
esfera partida ao meio.
A Sombra me perguntou
se eu vira o corpo da esfinge
apunhalada no seio.

Com suas mãos de espantalho
fez um gesto de recusa.
Me falou de uma serpente
pelos deuses transformada
nos cabelos de Medusa.

Pedi-lhe que me falasse
do seu destino perverso
de rei expulso do trono.
Mas a Sombra ficou muda
sob o escárnio do universo.

Cães ladravam para a lua
coberta de sangue e ouro.
A Sombra de olhos de peixe
dizia aos ventos e aos mortos
palavras de mau agouro.

A Sombra foi se escondendo
nas dobras do seu sudário.
Cresceu a flor do vazio,
e essa flor era de sangue
como as rosas do calvário.

A noite, aos poucos, se escoou
pelos declives do céu.
A Sombra de olhos de peixe
anjo não era nem rei.
Mas o mendigo era eu.

RIO DO TEMPO

Para Luiz Tavares Júnior

O tempo é um rio feito de lembranças.
As águas desse rio vão passando
e soterrando as nossas esperanças.

O tempo é um rio cheio de gemidos.
Rio do adeus que sangra em nosso peito
e embala os namorados seduzidos

pela voz da serpente vertebral.
O corpo desse rio que em Gomorra
foi transformado em lágrimas de sal.

Rio do tempo, rio da memória.
Somos levados para aquele rio
que vem do mito e passa pela história.

Esse rio é um pastor de madrigal.
Lembra o Tejo, que chora o tempo todo
partindo e regressando a Portugal.

Entre no ritmo
da vida
se é que a vida
não está fora do ritmo.

Entre no ritmo
do corpo
até que o corpo
não saia do ritmo.

Entre no ritmo
do universo
que se move
no âmago da inércia.

Entre no ritmo
do amor
porque o amor
nunca perde o ritmo.

POEMA FLUVIAL

Para Ana Vlândia, com admiração

Sou um rio a caminho de outro rio.
Levo comigo vozes de afogados,
limos do inverno e súplicas do estio.

Sou um rio invejado pelo Douro.
Rio de Portugal, rio de Espanha,
domado pelo celta e pelo mouro.

Sou um rio em perpétua correnteza.
Minhas águas deslizam para a noite
onde me espera o arauto da tristeza.

Sou um rio em seu túmulo de areia.
As retinas do céu cegam meus olhos,
o abismo me acorrenta e pastoreia.

Sou um rio puxado por cavalos.
Os deuses me visitam quando a aurora
solta os cabelos ao ruflar dos galos.

Sou um rio que deságua no Reno.
Esse rio do corpo, esse outro rio
que por ser mais profundo é mais sereno.

A flor que se abre e se fecha
a orquídea que se entrega aos besouros
com volúpia de amante sem pudor.
Os répteis do pântano e os seres alados:

Tudo faz parte de um sistema de códigos
impermeável aos nossos sentidos
à nossa incapacidade de perceber
as pulsações do efêmero e do infinito.

A flor que se abre e se fecha
não é menos complexa do que o homem
que formulou a Teoria da Relatividade.

As formigas não conhecem a rosa dos rumos
mas adivinham as mutações do tempo
o rumor da chuva e seu odor de húmus.

PAISAGEM VISTA DA JANELA

Toda paisagem vista da janela
é feita de memória e de utopia.
Ovelhas que ruminam nas encostas
são marujos que voltam da procela
erguendo os braços ao ruflar do dia.

Toda paisagem dorme na lembrança
para acordar nos olhos de um menino.
É o repicar dos sinos da esperança,
versos de sangue às núpcias do destino.

Sou o corpo volúvel da paisagem,
o que parece inerte e o que se agita,
o pastor esperado que não veio.

A moça na paisagem é mais bonita.
Até lhe escuto o palpitar do seio.

*V*olta e começa tudo de novo:
assim me disse um anjo de olhos de peixe.
Voltei pelos mesmos caminhos
subi pelas mesmas escarpas
pelos mesmos abismos coroados de pedras
naveguei pelos mesmos rios
com os mesmos barcos e os mesmos remos
varei as noites consteladas de espinhos
fui seduzido pelos mesmos olhos
pelo mesmo vinho, pelos mesmos seios
fui assaltado pelos mesmos cães
pelas mesmas feras e os mesmos vaticínios
de uma lua com esporões de sangue.

Quando tudo acabou, assim
me disse o anjo de olhos de peixe:
morre e começa tudo de novo.

CONJUGAÇÃO DO RAIOS

raios alfa

raios beta

raios delta

raios gama

raios dos

olhos de quem ama

raios da estrela

raios do cio dos tigres

raios da esfera

raios da súplica

raios da roda

raios do radar

raios da curva

raios da reta

raios do círculo

raios do meridiano

raios da matéria

raios do espírito

raios do vento

raios do fogo

raios da chuva

raios da ira de Deus

raios do paráclito

raios que o partam

O cupim rói a madeira
e o seu reflexo
rói o espelho de cristal
o côncavo e o convexo.

O cupim rói o silêncio
do quarto, a calva
do morto, o sol que entra
pela janela, a alma.

O cupim rói as paredes
da casa, o verniz da
faiança, o pote de guardar
a memória da chuva.

O cupim rói o espantalho
o passado e o futuro
rói os violinos dos gatos
quando velejam no escuro.

O cupim rói o dilema
adros e odes de Horácio
os bordados do poema
e os versos do epitáfio.

Rói o vento e a eternidade
o âmago e a superfície
rói a infância das coisas
e os remos da nau de Ulisses.

ESTÁTUA

Para Adalberto dos Santos

*U*ma estátua nos fita
com seus olhos de pedra
dilacerados pelo
esplendor da matéria.

Uma estátua na praça
pública. Uma esfinge
que se veste de limo
para as núpcias dos pássaros.

Uma estátua de bronze
dentro e fora do tempo.
Nuvens passam por ela
a eternidade e o vento.

Dum pedestal de areia
a estátua de lioz
olha o povo que passa
com lágrimas na voz.

LENDAS DE UM REI

À memória de Dante Milano

*E*ra um rei de mentira.
Tocava a harpa e a lira
sentado numa pira.

Era um rei sem regalos.
Amava os seus cavalos
muito mais que aos vassalos.

Era um rei de baralho
que as damas do serralho
chamavam de espantalho.

Era um rei sem memória
que passou pela história
sem vestígios de glória.

Um rei sem disnatia.
Um rei que só vivia
de fantasmagoria.

Um rei sem pastoreio
flechado por um seio
num campo de centeio.

Um rei de Portugal
pintado num vitral

com o sangue do rival.
Um rei da guerra púnica
despojado da túnica.
Sua realeza única.

Era um rei destronado.
Amar sem ser amado
foi seu maior pecado.

Um rei sem um ceitel.
O sangue cor de anil
nas veias do perfil.

Era um rei avarento.
Pagava o seu sustento
com patacas de vento.

Um rei em decadência.
Zombava da ciência,
das formas e da essência.

Um rei da Mandchúria.
Morreu de albuminúria
e excesso de luxúria.

Nabucodonosor.
Rei despido a rigor
para a ceia do amor.

Era o espectro de um rei
odiado pela grei

por não cumprir a lei.
Era um rei mas não era.
Nasceu numa tapera
entre os braços da hera.

Não era um rei lendário
nem o Rei do calvário.
Era um rei ordinário.

Não era o rei do olimpo.
Fumava ópio e absinto
com folhas de terebinto.

Um rei sem postulado.
Amar sem ser amado
foi seu menor pecado.

DESENHO MUSICAL

○ homem contempla o céu
mas apenas vê um rio
de nuvens fugitivas
que correm sem cessar.
Mas não é para o mar.

O homem escuta o céu
mas tudo é silêncio enorme.
O coração das esferas
já começa a palpitar.
Mas não é pelo mar.

O homem imita o gnomo
que foi na infância das eras.
Cansado de tempo e espaço
o homem há-de voltar.
Mas não é para o mar.

Terceira Parte

VIAGEM AOS SEIOS DAS VALQUÍRIAS

E sabeis que, segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento dos meus versos.

Camões (Sonetos)

O corpo da amada
é o pórtico do paraíso
suas coxas têm gosto de vinho
alegorias do pecado.

Os olhos da amada
são taças repletas de ópio
os peitos da amada são iguais
às tetas da loba romana.

O dorso da amada é uma colina
onde pastam as ovelhas
do cio. Meu sonho pastoreia
as carícias da amada.

Os cabelos da amada não são negros
como as asas da graúna
são da mesma cor de vinho das
crinas das éguas árabes.

O corpo da amada é uma escarpa
onde a lua põe os seus ovos
ópio, taça de absinto
nau para a travessia da morte.

DESENHO DE GUSTAV KLIM

Para Joanyr de Oliveira

Os olhos fechados
a mão direita acaricia a chama
do êxtase.

As pálpebras cerradas
estremecimentos de seda e cristal
por todo o corpo, imerso em serenidade
búdica.

Frêmito de asas acorda as artérias
percorre as coxas abertas.

Mulher em repouso.
Um arco-íris secreto e o pássaro
que retém o vôo.

2

A mulher finge que dorme
a mão segura uma flor
mas a flor não é uma flor
ou é a flor de um secreto jardim
onde há um secreto lago
e as rosas subitamente estremecem.

3

A mulher finge que dorme
ou finge que sonha.
Finge que flutua num lago de nudez.

A mulher se afaga, se entrega.
Do sexo jorra a melodia
de uma revoada de violinos.

4

Mulher em repouso.
Os olhos, astros extraviados,
não vêem o acasalamento das orquídeas
entre as coxas abertas.

A mulher não vê a serpente
que seduz o pássaro
das coxas.

Vê apenas o rastro de fogo do anjo
que lhe aponta a estrada
do paraíso.

ONDE QUERO ESTAR

Quero estar onde estiveres
no topo das colinas ou no pântano
onde florescem borboletas do tamanho do sexo
de uma vaca.

Quero estar no espelho que capta
os poliedros de tua nudez
no teu dorso de égua egípcia amada pelos faraós
de todas as dinastias.

Quero estar na fímbria dos teus aromas
de eucalipto, no vértice do anzol
de tua formosura.

Quero estar na volúpia da labareda
que acaricia as hierarquias do teu corpo
em cada emblema de tua nudez
repleta de dádivas.

Quero estar nas dobras de linho do teu sono
povoado de êxtases, nas marés do teu
monte de vênus, no pulsar de tuas
veias de cristal, no luar de tuas pálpebras
no alvorecer de asas dos teus seios
e nessa ternura de ovelha parida
dos teus olhos castanhos.

Quero estar nas alegorias de tua pele
dourada de fera, no teu cheiro
de resina e de alfazema
no teu cio de égua das estepes
na porcelana do teu umbigo
na tua voz e na tua foz.

Fogo é esse aroma
de tua pele
sob a alegoria dos vestidos
fogo é o teu hálito
de fera no cio
a labareda se alastrando
em tua boca
tua língua de coral
devorando os
pássaros da libido
fogo é teu sabor de fruta
cítrica, a revoada
dos teus gestos
se libertando para as
liturgias do amor
fogo é o teu santuário
de carne, sob
as relvas do pecado
fogo é teu dorso
de serpente venerável
tua nudez de égua
do faraó, teus
olhos subjugados
às divindades da fúria.

CANTATA

*V*ento
mulher
maresia
vento
mulher
maresia
vento
mulher
maresia
vento
mulher
maresia
toda
as horas
da noite
toda
as horas
do dia

*t*e amarei a qualquer hora
do dia ou da noite
te amarei no cais deserto ou na esquina
de uma rua sem memória

te amarei na escuridão
te amarei às claras
te amarei entre as pombas famintas
te amarei ao redor do mundo

te amarei ao raiar da madrugada
te amarei no trem do subúrbio
te amarei na jaula das feras
no cinema onde se vendem ilusões e pipoca

te amarei a qualquer momento
da vida, a qualquer aceno dos teus olhos
te amarei entre as conchas do mar
entre os répteis e os pássaros

te amarei na cama de pedra
na praça onde tem uma roseira morta
te amarei despida de noiva
me ofertando os teus seios de palha.

PARÓDIA DE CAMÕES

Sete anos de pastor Jacó servia.
Mas não servia ao pai nem às ovelhas
que as delícias do amor só pretendia.

Sete anos passados ao relento
só pensando naquela cujos olhos
lhe acompanhavam cada movimento.

Sete anos polidos pelo vento
entre ovelhas paridas e a tosquia
que amor só o visitava em pensamento.

Sete anos de perdas e de ganhos
entre o frio das noites e da ausência
e a solidão dourada dos rebanhos.

Sete anos de pastor Jacó servia
sem maldizer as tramas do destino
sem saber se ficava ou se partia.

Teu corpo é uma ilha
onde anoitecem
os barcos ancorados.

Teu corpo é uma nau
que me leva rumo
ao luar dos pecados.

Em ti me extravio
morro de sede
no delta do cio.

Teu corpo é uma chama
testemunho da rosa
volúpia que se ama.

À noite me arrebatas
nessa nau de artérias
que é nossa cama.

CANÇÃO DAS ORQUÍDEAS

*A*s orquídeas
cortesãs no cio
se entregam
aos rituais da cópula.

Pêssegos e espigas
amadurecem ao sol
das genitálias
das orquídeas.

Pássaros
e abelhas disputam
a intimidade do
sexo das orquídeas.

A nudez das
orquídeas entre-
abertas seduz os sá-
tiros da floresta.

Orquídeas são
deusas sensuais
à procura do
pólen dos faunos.

CACHORRO FAMINTO

Expulso do olimpo
o amor anda só.
Um cachorro faminto.

Em meio à dura treva
ao vento e seus punhais
o amor anda só.

A chuva molha o pêlo da noite.
O amor anda só, arrastando
o seu manto de rei da luxúria.

Amor de sangue e absinto
uivando às portas do olimpo.
Um cachorro faminto.

RUMOR DO CIO

Quando ela passa
o murmúrio do seu vestido
de seda é tão musical
como um jorro de vinho
numa taça de cristal.

MANDARIM

(De uma narrativa de Danilo Gomes)

*A*s mulheres de um certo mandarim
da estirpe de uma velha dinastia
ouvem de noite a estranha melodia
dos grilos numa urna de marfim.

Nuvens, dragões, rumo à azulada esfera
onde entre chamas se evapora o dia.
Pelos jardins calados só a espera
da lanterna vermelha as consumia.

Fímbrias de seda e adágios de luar.
Asas e aromas bailam pelo ar
desde o florir de antigas madrugadas

em que somos vassalos dos prazeres.
Jorra o pranto inconsútil das mulheres
dos olhos das lanternas apagadas.

CANÇÃO PARA GUITARRA PORTUGUESA

*V*erde vinho, verde vinho,
minha amada foi ao Minho
devagar, devagarinho,
mas perdeu-se no caminho.

Verde vinho, verde vinho,
me ensina a ser adivinho
e as léguas de pergaminho
por onde se vai ao Minho.

Verde vinho, verde vinho,
morro à míngua de carinho.
Das mãos e seios de linho
da amada que foi ao Minho.

Verde vinho, verde vinho,
minha amada cor de arminho
foi raptada no caminho.
Nunca mais voltou do Minho.

SONETO À MODA DE GMM

A que sonha à janela, a que suspira
a de longas pestanas de pastora
a que tem curvas de guitarra moura
e a volúpia da cobra que se estira.

A que faz do seu corpo uma lavoura
conduz o fogo da secreta pira
a que recende a mel de jandaíra
e dobra o fauno a golpes de tesoura.

A que em sendo mulher faz sombra à fera
sabe que o amor nos mata e dilacera
como beber um copo de cicuta.

A que te oferta o hímen na bandeja
entre espumas de orgasmo e de cerveja
a deusa, a musa, a messalina – a puta.

Tuas pernas
haste esguia de uma
taça que de vez
em quando transborda.

Tuas pernas passam
por minha sombra
seguem mas fica seu doce
rumor de onda.

Tuas pernas, pórticos
de mármore antigo
por onde se vai às relvas
de fogo do paraíso.

Tuas pernas são dois
esteios de aroma
que sustentam
as cúpulas de Roma.

ODE MINÚSCULA

*T*eu corpo é um campo
de centeio
dourado pelo sol
do cio.

Teu corpo tem o cheiro
de espigas maduras
sob as rajadas
do estio.

Teu sexo é morada
de abelhas que
semeiam pólen nas
águas do rio.

Teu corpo é vinho verde
de que me embriago
numa taberna
do Rossio.

Esta lua
do ano dois mil
me deixa alucinado
pela
sensualidade do
teu quadril.
O mais importante
é que não sou
diabético.
Antes de beijar
tua boca lubrificada
de batom
sintético, gostaria
de ter acesso
às dicas eletrônicas
do teu código
genético.

PÁSSARO DA NOITE

*M*orreu de parto às três da madrugada.
O rosto era uma efígie amarelenta.
Na eternidade, a alma evaporada
envolta no sudário da placenta.

Arcanjo, em cavalgada para a lua,
arreatou a morta em seu cavalo.
Depois que os cães uivaram pela rua,
ouve-se um canto, era o clamor de um galo.

No firmamento, a curva de uma foice.
O mistério goteja, água incessante,
com seu capuz de pássaro da noite.

O vento arranca as árvores da estrada.
A que era o sol de todos os amantes
morreu de parto às três da madrugada.

É verdade que o tempo passa
e nada restará de tudo.
Cada segundo trespassa nosso corpo
com seus punhais de veludo.

Mas o amor e seus aromas
ficarão para sempre em nossa pele.
Ficará esse emblema de fogo
de tua sedução, flor
atávica que envenena a alma.

Estarei à tua espera
no lugar mais secreto dos espelhos.
Quando estivermos saciados
brindaremos à fugacidade
do amor e comeremos
azeitonas maduras.

ERA UMA VEZ UM CALIFA

Ao poeta Jorge Tufic

*E*ra um califa amante dos bons vinhos
das mulheres, das armas, dos cavalos
das auroras sonhadas pelos galos
dos augúrios dos magos e adivinhos.

Padecia da insônia do espantalho
prezava o amor e as artes do negócio
passava as noites cavalgando o ócio
de todas as donzelas do serralho.

(Um vento de presságios veio vindo
do mar, das naus ancoradas no porto.
O que era sonho, agora é desatino).

Provou do amor de mais de cem fidalgas
até que um dia foi achado morto
sob o luar de sangue das adagas.

A bengala é uma perna de moça
que se move em ritmo
de flauta doce.

Uma coxa de mulher em rodopio
no tempo do amor
e do cio.

Uma serpente de cabeça de prata
que se enrosca no sonho
e no corpo da mulata.

É uma perna de noiva
(acima do joelho)
seduzida pelo fauno do espelho.

Uma perna esguia de Colombina
que te segue pelas ruas
e te bolina.

Uma perna de pássaro no exílio
que te leva às portas
do inferno ou do paraíso.

INVENÇÃO DO PECADO

*A*cendi sete lâmpadas de azeite
no altar do teu corpo
e o circudei com as rosas da luxúria.

Pervaguei os labirintos de tua nudez
e vi quando um peixe de cristal
saiu da concha do teu ventre
para devorar minha face
e meus olhos vazios de santidade.

Nua diante dos estuários da noite
nua em teu santuário de limo
como nos primeiros dias da invenção do pecado.

O éden não está aqui
não está em parte alguma.
O éden não está no corpo
e muito menos na alma.

O éden não está nas alturas
nem no fundo do mar.
O éden das flores do pecado
simplesmente não existe.

O éden é uma utopia
para iludir o ócio dos deuses
e afugentar o demônio.

O éden está no rastro
da sensualidade da serpente
que dorme em teu coração.

Ninguém precisa ter
dom profético
para saber
que no próximo século
todos os segredos
e dialetos
do seu código genético
(o corpo, a alma)
estarão
armazenados
num cartão magnético.

SENTIMENTO DA NOITE

Eu me insinuava pelas ruas desertas.
Seguia os passos de ninguém.
O coração deserto.

Eu me sentia ameaçado
pelas sombras luzidias dos cães.

A noite, imensa, pulsava
nas veias da treva.

A lua era um planeta
de sangue.

*d*e tanto saber que te amo
de tanto saber que te busco
de tanto saber que me matas

de tanto saber que me foges
de tanto saber que te espero
de tanto saber que não voltas

de tanto saber que me iludes
de tanto saber que te chamo
de tanto saber que não respondes

de tanto saber que te calas
de tanto saber que te sonho
de tanto saber que te esquivas

de tanto saber que te afastas
de tanto saber que me negas
de tanto saber que te enfeitas

de tanto saber que me engano
de tanto saber que te odeio
não sei se ainda te amo.

MORRER DE AMOR

*M*elhor é ser ninguém que ser vassalo
melhor estar sonhando que desperto
melhor arder na ausência que no fogo
melhor fitar de longe que de perto.

Melhor ser rosa do que ser espinho
melhor partir do que ficar à espera
melhor ser água do que ser moinho
melhor ser raio do que ser a esfera.

Melhor andar ao vento do que à sombra
melhor ser contemplado pelo abismo
do que remar a nau da simetria.

Melhor ser fonte que atravessa a aldeia
que ser a vaga expulsa pelas eras.
Melhor morrer de amor que de utopia.

CAMAS AZUIS

Onde estarão as grandes camas azuis?

GERARDO MELLO MOURÃO

Onde estará o almofariz de esmagar ervas balsâmicas?
onde estarão os rosários de contas de pérolas?
onde estarão as grandes camas azuis?

Onde estará o alfaiate com seu escaparate?
onde estarão as dançarinas da faiança?
onde estarão as grandes camas azuis?

Onde estará a espingarda que matou a perdiz?
onde estarão as agulhas e os dedais?
onde estarão as grandes camas azuis?

Onde estarão os gatos precursores da noite?
onde estarão os picos da nudez acariciados pela seda?
onde estarão as grandes camas azuis?

Onde estarão as noivas e seus espelhos ovais?
onde estarão as borboletas da páscoa?
onde estarão as grandes camas azuis?

Onde estarão os verdes cavalos no cio?
onde estarão as fotografias de olhos estrábicos?
onde estarão as grandes camas azuis?

Onde estarão as namoradas de seios bordados?
onde estarão as escumilhas e gargantilhas?
onde estarão as grandes camas azuis?

NOIVAS DE CÓRDOBA

*P*orque minhas mãos afagam
os teus seios de alfazema
porque te espero em Granada
tudo vale a pena.

Porque as noivas de Córdoba
fugiram de Cartagena
porque o Tejo as pastoreia
tudo vale a pena.

Porque Lorca ressuscita
ao sopro de sua avena
porque seu verso ainda pulsa
tudo vale a pena.

Porque os sinos repicando
nas torres de Barbacena
porque o amor esteve em Minas
tudo vale a pena.

Porque os rastros de Marília
não se apagam do poema
porque o amor ilude a morte
tudo vale a pena.

Porque o Rei já não bolina
a rainha Ana Bolena
porque a terra ainda se move
tudo vale a pena.

Porque o sonho de Pitágoras
fez da rosa um teorema
porque o raio habita a esfera
tudo vale a pena.

Porque Ulisses foi a Tróia
cortando o mar com seu remo
porque foi salvo do fogo
tudo vale a pena.

E porque vazou o olho
do gigante Polifemo
porque honrou a ilustre espada
tudo vale a pena.

Porque a Ursa nos contempla
do céu quando noite plena
porque os veios tocam flauta
tudo vale a pena.

Porque te espero em Granada
minha amada sarracena
porque me tens seduzido
tudo vale a pena.

Porque a terra ainda se move
na galáxia do poema
porque o mito oferta o seio
tudo vale a pena.

*F*aça amor pela Internet
com a sua namorada
virtual.

Desista do orgasmo
tradicional.

Não haverá camisinhas
nem camisetas
nem a corrida desesperada
dos gametas.

Faça amor pela Internet
sem sair de casa
ou precisar de motel.
Depois é só dormir
ao som do Bolero de Ravel.

Bastará um sinal
para que um rio de leite e mel
jorre dos seios e das coxas
do seu amor virtual.

*V*iajei nos labirintos
do teu corpo
na rósea escuridão
de um túnel
que o sol do teu sangue
clareia.
Saí do teu corpo
voltei à concha das eras
ao limo dos rios
ao limbo do ventre da baleia.

SERENATA DESESPERADA

*t*e amarei por telefone
te amarei pelo telégrafo
te amarei pelo satélite

te amarei de qualquer forma
te amarei à revelia
a favor ou contra a norma

te amarei quando partires
te amarei quando voltares
pela estrada do arco-íris

te amarei à vista do rei
te amarei na montanha russa
contra o vento ou contra a lei

te amarei de perto ou de longe
te amarei no bar da esquina
enquanto durmo, enquanto sonho

te amarei onde estiveres
te amarei até o fim das eras
ó pastora de panteras

te amarei sem rima e rímel
te amarei pela Internet
te amarei pela eternidade.

*T*odos vão ao bar
quando faz sol ou faz chuva
ou quando a tarde
começa a fazer renda
com os novelos do mar.

Todos vão ao bar
aos sábados e domingos.
Bebem cerveja e discutem
sobre mulheres e poemas
e o desejo de ancorar.

Todos vão ao bar
para ver o tempo passar.
As bundas e pernas
das moças, essas coisas
que infelizmente não são eternas.

DONA DO SEIO

O que tinha de vir não veio.
Só o vento bate de cheio
no rosto do meu devaneio.

Foi-se a dona do seio
mais belo do meu pastoreio.
Ou me afogo ou me incendeio.

Quem ama sem receio
bonito lhe parece o feio
com direito a galanteio.

Onde estou não me leio.
As águas correm do veio
para um campo de centeio.

O amor não é metáfora
é luta de vida ou morte
nem sempre perde o mais fraco

nem sempre vence o mais forte.
Sangue no lençol de linho
orgasmo de espuma e areia.

O amor é fúria dos corpos
mito jorrando das veias.
Amor é faca amolada

na pedra, gume no cio
é flecha varando a carne
rio engolindo outro rio.

O amor não é metáfora
desenhada no papel
é chama abraçada ao corpo

feito cobra cascavel.
Amor recende a pecado
a sândalo e maresia.

É salto de maré cheia
na hora da travessia
dança e trapézio do corpo

que se rebela e se entrega
do corpo que vai uivando
dentro da luz ou da treva.

O amor não é metáfora
nem rosa de pergaminho
é jorro de sangue e fogo

dentro da taça de vinho.
O amor não é metáfora
é desvario do corpo

ceia de abismo, regada
a sangue e vinho do Porto.
Amor, uivo de cadela

em um campo de centeio.
São as marcas dos caninos
da jararaca no seio.

Quem quiser rugir, que ruja.
O amor é rosa encantada
num jarro de terra suja.

*P*equena sereia
das ondas do mar.
Aonde tu fores
irei te buscar.

A vida é tão bela
a morte é tão feia.
Quem é teu amado
pequena sereia?

Teu corpo de prata
as ondas clareia.
Como é que te chamas
pequena sereia?

A espuma do mar
parece uma aldeia.
Onde é que tu moras
pequena sereia?

Eu fui engolido
por uma baleia.
Quem é que me acorda
pequena sereia?

Ontem, maré alta
hoje, maré cheia.
A vida é tão curta
pequena sereia!

*U*m dia já navegamos
entre marés de lençóis.
Argonautas também fomos
da nau volúvel do amor.

Um dia já nos perdemos
na selva escura da carne
e já fomos trespassados
pelas rajadas do amor.

Um dia já nos achamos
nas esquinas do pecado.
Já bebemos desse vinho
que acende os olhos do amor.

Um dia já repartimos
a ceia do nosso corpo.
Já vestimos a mortalha
dos que morreram de amor.

Um dia já estivemos
nas chamas do purgatório.
Já dormimos ao relento
separados pelo amor.

Seios de pedra-sabão
na concha da minha mão.

Seios de terracota
(o pêssego e a compota).

Seios de finos gumes
comidos pelos cardumes.

Seios de faiança e limo
voam quando me aproximo.

Seios que arrulham, veios
que desferem gorjeios.

Seios de estames esguios
decepados pelos rios.

AGORA OU NUNCA

*t*erei de semear
a terra dos mortos

retornarei ao ciclo
dos ventos e das águas

esvaziarei a taça
de absinto de tua nuca.

guardarei tua memória
manchada de sangue

te ofertarei orquídeas
e um ramalhete de punhais

velarei as éguas fecundadas
por cavalos-marinhos

passarei sem mácula
pelos umbrais da morte.

OLHOS DE RAPOSA

*Em memória do Cego Aderaldo,
O Homero do Nordeste*

Vim bater em vossa porta
em figura de raposa
venho das noites de feno
de onde veio o filho pródigo.

Trago as vozes do acalanto
as insígnias da cabala
para que a morte não passe
por perto de vossa casa.

Sósia e arauto do espantalho
vim bater em vossa porta
trago orquídeas e amuletos
para a vossa namorada.

Trago mel de jandaíra
leite de cabra e mostarda
trago a brisa das campinas
para a vossa namorada.

Trago amêndoas, trago a ceia
de galinha em molho pardo
trago odor de tangerina
para a vossa namorada.

Trago a alba nos meus olhos
minha égua, o meu cavalo
trago o cio da serpente
para a vossa namorada.

Em figura de raposa
vos oferto a minha fala
desculpai-me se demoro
ó Senhor dono da casa.

Agora a lua é uma noiva
que se veste de mortalha
o vento expulsa as estrelas
ó Senhor dono da casa.

Venho da noite e da aurora
perseguido pelos raios
venho de Tróia a cavalo
ó Senhor dono da casa.

Venho das portas de Tebas
arrasada pelo fogo
chego à luz de vossa casa
em figura de raposa.

Viajei setenta léguas
ao redor da minha aldeia
podei os br(olhos) das vinhas
para a vossa namorada.

Ó Senhor dono da casa
sou pescador e adivinho
fui buscar conchas do Nilo
para a vossa namorada.

Naveguei o mar de Ulisses
quando o herói já regressava
decorei versos de Homero
para a vossa namorada.

Trago laranjas da Grécia
e romãs de Cartagena
ervas das várzeas de Évora
para a vossa namorada.

Trago um cabrito de raça
dos rebanhos de Labão
argolas e braceletes
para a vossa namorada.

Trago azeitonas da Espanha
ensangüentada dos touros
trago um soneto de Lorca
para a vossa namorada.

Ó Senhor dono da casa
desculpai-me se demoro
se estou em vossa morada
em figura de raposa.

Relevai-me se as palavras
são mais volúveis que o vento
se em figura de raposa
hoje estou em vossa casa.

Descendente de andarilhos
não herdei uma pataca
trago aromas de eucalipto
para a vossa namorada.

Trago uma rede de linho
que tem a forma de um seio
trago uma ânfora de azeite
para a vossa namorada.

Vim dos confins do deserto
mamei nas tetas da esfinge
trago um seio de papiro
para a vossa namorada.

Vi a estirpe de Sodoma
devorada pelas chamas
trago o adágio das esferas
para a vossa namorada.

Vi Teseu no labirinto
hoje estou em vossa porta
trago eunucos de faiança
para a vossa namorada.

Trago absinto e terebinto
para alegrar vossa casa
trago espelhos de Veneza
para a vossa namorada.

Dos sertões das éguas russas
das cascavéis de chocalho
trago o estio das graúnas
para a vossa namorada.

Trago frutos que ainda exalam
frescor de terra molhada
recebei-me em vossa porta
ó Senhor dono da casa.

As éguas correm nos campos
o cio engorda os cavalos
dorme o vinho nas botelhas
ó Senhor dono da casa.

Em figura de raposa
chego à luz de vossa porta
trago um pote de água fresca
para a vossa namorada.

Dai-me o vinho que gorjeia
nas garrafas de veludo
que em figura de raposa
brindo a vossa namorada.

Ó Senhor dono da casa
que o céu guarde vossa esposa
para eu sempre contemplá-la
com meus olhos de raposa.

Quarta Parte

LIVRO DO ESPANTALHO

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
O mundo todo abarco e nada aperto.

Camões (Sonetos)

COISAS PEQUENAS

Para Airton Fontenele e Hamilton Monteiro

1

O óbito cria
o hábito. O hábito
recria o óbito.

2

Com seu fulgor de onda
desliza entre as chamas
dos tigres a anaconda.

3

Pousa a borboleta
na fotografia.
A morte em linha reta.

4

O poeta olha de cima
as sílabas que pastam
nos prados da rima.

5

A rima é a muleta
do verso de pé quebrado
que dorme na gaveta.

6

A rima e o metro
disputam o cetro
e as pompas do féretro.

7

O vôo da borboleta
na sala deserta.
Uma curva? uma reta?

8

As horas caem do galho
das estações. Pérolas
ou gotas de orvalho?

9

A passo lento, o vento
vai tecendo os fios
das teias do tempo.

10

Cessa o clarim dos galos.
Mas o ruflar das asas
assusta os cavalos.

11

Com plumas de tamoio
o sol dispara flechas
no dorso do arroio.

12

Sósia do leopardo
o sol tritura
as vértebras da tarde.

13

Grilo afoito.
Mói o silêncio
trigo da noite.

14

Um grilo às ocultas:
as noites estão ficando
cada vez mais curtas.

15

Um grilo a outro grilo:
espero que esse tarado
não me faça mais aquilo.

16

Uma orgia de grilos.
A noite os amamenta
com seus negros mamilos.

17

Volúpias e artimanhas.
Fantasmas são digeridos
pelas teias das aranhas.

18

O vento, de chofre,
apaga as chamas das velas.
O morto cor de ocre.

19

Estas éguas de olhos claros.
Vestígios da primavera
ou do cio dos cavalos?

20

Veio de longe. Veio
de um lago que deságua
na curva do seio.

21

Tremor na copa da árvore.
Um corvo pousa na calva
dum busto de mármore.

22

A rosa e seu perfume
não são mimos dos deuses.
São dádivas do estrume.

23

Um peixe cor de ameixa
passeia no aquário
com seu batom de gueixa.

24

Um corvo na cornija
pastoreia a chuva.
Cada vez mais rija.

25

Tic tac tic tac tic tac.
É o relógio triturando
os ossos do almanaque.

26

Relógio, por que demoras?
É tempo do funeral
dos minutos e das horas.

27

Treme a rosa no galho.
Não foi o vento?
Foi uma gota de orvalho.

28

Na tarde cérula
lança o anzol. Em vez
de peixe, uma pérola.

29

Ó pescador de conchas
do mar. Mais belas
são as conchas do amor!

30

Tu não pescas nada
se não pescas as conchas
do corpo da amada.

31

Eles nos mandam cestas
de mentiras e ainda
nos fazem de bestas.

32

Não se esconda
Gioconda da onda
que ronda a anaconda.

33

Passeia pelo quarto
com cauda de serpente
e espanto de lagarto.

34

Deuses, centauros, potros
nas relvas do paraíso.
O inferno são os outros.

(J. P. Sartre)

35

A onda, Gioconda,
se alonga e se arredonda
igual a uma anaconda.

36

Tua bela rótula!
Estrada de sândalo
para a festa da cópula.

37

Onde anda a onda
vai ficando a sombra
do rastro da anaconda.

38

Cenário de ópera.
Pombas na tarde azul
asas para a diáspora!

39

De tão fino, o som
dos sinos apunhala
a alma das andorinhas.

40

Um deus tece a trama
na frágil porcelana
dos olhos de quem ama.

CONFIDÊNCIAS DE ESPANTALHO

Para a Natércia, com admiração

Sonhei que eu era
um espantalho
de esponja e vidro.

Que eu fui seduzido
por uma fada
íntima da morte.

Sonhei que um pássaro
chegado de outrora
fitou em mim

seu olhar de sátiro
fulminado pelos
raios. Sonhei

que a luz escapava de
uma veia aberta no
meu corpo.

Que os dias jorravam
das pedras, embora
já fosse noite.

TEMPO

Para Regine Limaverde

O tempo não mede o tempo.
O tempo devora
o tempo.

O tempo não foge do tempo.
O tempo mergulha
no tempo.

O tempo não recria o tempo.
O tempo vive da utopia
do tempo.

O tempo não se gasta com o tempo.
O tempo tece a mortalha
do tempo.

O tempo não deságua no tempo.
O tempo é a eternidade
sem tempo.

STRIX ULULA

Ó pássaro da noite
dançarino das sombras.

Teus olhos pastoreiam
rastros de sangue nas trevas.

Noite alta, ergues teu ninho
no peito dos mortos.

Do alto das cornijas
escutas o rumor

das escamas do pântano.
Com teu bico de foice

golpeias o enigma dos peixes
no fundo das águas.

PÁSSARO MORTO

À memória de Bidu Sayão

O pássaro já não solta a voz
nem clareia as trevas
com seus madrigais.
O pássaro está mudo
em seu féretro de plumas
embalado pelos réquiens de Mozart.

O pássaro está calado
já não ouve o gemido das cordas
dos violoncelos.
O ruflar das asas das harpas
o clamor das nuvens
sufocadas pelo sangue dos violinos.

O pássaro foi ao encontro de Debussy.
Emigrou para as altas esferas
onde a música se dissolve
na sinfonia do caos.

TRISTEZA

*T*riste como um rio
que se evaporou a caminho do mar
um pássaro de asas partidas
uma árvore mutilada pelos raios
uma paisagem sem árvores
uma árvore que já não canta nem gorjeia
uma vaca ausente do bezerro
um menino seduzido pelo fantasma da mãe
um seio onde o leite secou
um ventre estéril
o uivo de um cão golpeado pela foice da lua.

Triste como quem regressa do exílio
e encontra a porta fechada.

O morto começa a apodrecer
na sala vazia.

Até o Cristo de gesso
que lhe puseram no peito
parece incomodado com o fedor
dos ramalhetes fúnebres.
O defunto exala um cheiro de velas apagadas.

Aos poucos cessa o rumor do velório.
Só o zumbido das aparências
corta o silêncio constelado de moscas.
O morto, se pudesse, expulsaria
a corja de intrusos que o festejavam
com falsos e sentidos pêsames.

O caixão é retirado às pressas
pelos cavalos negros da funerária.
Sabem que é longo o caminho de volta.
O caminho que separa a matéria da eternidade.

SONHO DE ESPANTALHO

Para Luciano Maia

Sonhou que era espantalho
no meio de uma lavoura
de seios e espigas.

Sonhou que foi seduzido
pelos olhos em chamas
das aves de rapina.

Sonhou que era uma coisa
vestida de mortalha
à espera da noiva.

Sonhou que amava a princesa
de um castelo encravado
nas retinas dum lago.

Sonhou que o arrebatavam
num carro de fogo com
sete cavalos negros.

Tantas perguntas
tantas dúvidas
tantas perplexidades
tantos problemas, tantos teoremas
tantos poemas, tantos dilemas
tantas estratégias, tantas enciclopédias...

Não tenho certeza de nada
nem do que sinto e que penso
certeza do que se passa
além do espaço e do tempo.
Só a certeza da morte
que vem de fora ou de dentro.

Tantas perguntas
e tão poucas respostas
e o homem cada vez mais esmagado
com seu fardo de sonhos
e de mentiras sobre as costas.

A VIDA E SEU CURSO

A vida segue o seu curso
indiferente ao que pensas e escreves.
Uma folha rodopia no vazio
sem se importar com as nossas metáforas
e nossos poemas.

Todas as tardes ovelhas descem das colinas
a caminho da aldeia.
Um pássaro faz o seu ninho em tua calva.
Moças de branco vão para a igreja
de um subúrbio fétido.

O vento desfolha os seus vestidos
o cristal de sua nudez incendeia os olhos
e os desejos dos homens.
Com a boêmia e a sensualidade de um urso
a vida passa pela morte
e segue o seu curso.

A vaca é um monumento
de nervos e vértebras.
Fanal no meio da paisagem
a paisagem que se move
a passos lentos, que
se contempla e se basta a si mesma.

2

A vaca não é um conceito
abstrato. É realidade
que se move e te comove
te pasta e te alimenta.
A vaca acaricia teus sonhos
com seu hálito salubre.

3

A vaca carrega os astros
na garupa. À sombra
da vaca, os pássaros fazem
seus ninhos e os bezerros
sonham com a morte
dos futuros bois.

4

A vaca recria o tempo
no ubre repleto de colostro.
A vaca e seu mugido
nunca se apagam da memória
do vento. Ficam pulsando
nas veias do seu rastro.

5

A vaca na várzea
e no limiar da sede.
A vaca na colina
quando a colina era verde.

A vaca no estio
já ruma o inverno.
A vaca no vale
quando o vale era verde.

A vaca no asfalto
quando o asfalto era negro.
A vaca no pasto
quando o pasto era verde.

A vaca no banquete
do orgasmo e da fúria.
A vaca no espeto
quando o espeto era rubro.

Sou o passado e o presente
sou também o futuro.
Os dias que se vão desfolhando
em plumagem dourada.

Sou a sombra da árvore onde
as feras repousam.
O rastro que os ventos apagaram
mas continua palpitando
nas artérias da luz.

Sou o passado submerso na pele.
A porta do futuro que
se abre aos fantasmas expulsos
de suas tumbas demolidas.
Sou o futuro e sua nau
de fogo boiando nas águas do dilúvio.

Estarei convosco quando o futuro
chegar com a sua túnica
de profeta indignado. E quando
suas palavras forem mais
terríveis do que um punhal cravado
no peito do inimigo.

RIO MORTO

O rio perdeu a água
o rio perdeu o rumo
o rio perdeu o cio

o rio perdeu o sangue
o rio perdeu o pêlo
parece um defunto esguio

o rio perdeu as asas
o rio se encheu de mágoas
o rio ficou vazio

o rio ficou deserto
o rio morreu de sede
o rio ficou sombrio

o rio perdeu as conchas
o rio ficou sem peixe
o rio tremeu de frio

o rio perdeu as veias
perdeu o sono e a memória
perdeu a chama e o pavio

o rio ficou sem leito
o rio dorme ao relento
o rio perdeu o brio

o rio está por um fio
o rio foi engolido
pela serpente do estio.

Onde quer que nos achemos
no cartório ou no velório
os mísseis estão conosco.

Na legenda do epitáfio
no orgasmo da maré cheia
os mísseis estão conosco.

Na penumbra dos conventos
na clareira ou na clausura
os mísseis estão conosco.

Nos olhos da Gioconda
na curva do seu pescoço
os mísseis estão conosco.

Na pedra que nos ampara
quando o mistério é uma foice
os mísseis estão conosco.

Na hora da nossa morte
nas velas, nos ramalhetes
os mísseis estão conosco.

No fogo do purgatório
no sono feito de lágrimas
os mísseis estão conosco.

BALADA DA MOÇA DO FMI

Para Hélio Leite

*M*aldita seja a Teresa
com seu colar de medusa
e sua nenhuma beleza.

Maldita seja a Teresa
veio da Roma de Nero
zombar da nossa pobreza.

Maldita seja a Teresa
não leu o Inferno de Dante
com toda a certeza.

Maldita seja a Teresa
com seus caninos de fera
rasgando o ventre da presa.

Maldita seja a Teresa
que expõe as nossas feridas
nos quatro cantos da mesa.

Maldita seja a Teresa
que enxovalhou nosso orgulho
sem qualquer delicadeza.

Maldita seja a Teresa
que tem arrulhos de pomba
e o faro de uma anaconda.

*F*oi no sermão da páscoa
que o bispo falou aos fiéis sobre a visita
do protonotário.

Foi o bastante para que a cidade inteira
ficasse em polvorosa.

Durante vários dias não se cogitou
de outro assunto.

O protonotário estava na boca de todos
no pensamento de todos
na pele de todos, no sonho de todos
na irreverência de todos
e até mesmo em seus pesadelos.

Quando o protonotário desceu do automóvel
meia dúzia de gatos-pingados
aplaudiram um velhinho descabelado
zarolho, de ventre rotundo
e que por cima de tudo
fedia a rapé e a cigarro de palha.

REVERÊNCIA

Tira o chapéu ao morto
que passa em seu caixão de veludo e cedro. Tira o chapéu a esse espantalho que já não ouve a melodia das artérias.

Tira o chapéu ao que foi seduzido pela morte, à romaria vestida de negro. Tira o chapéu aos que o vão carregando para o seu santuário de terra fresca.

Tira o chapéu aos sapatos de verniz, ao terno de linho e ao seu bigode. Tira o chapéu ao ramalhete de plástico que lhe puseram no peito sem glória.

Tira o chapéu ao relógio de quartzo, aos caninos de ouro e à gravata de seda. Ao fantoche que vai cavalgando o seu nariz de duzentas léguas.

Tira o chapéu ao que se despede da vida, vazio de santidade e de volúpia. Curva-te à matéria que passa trescalando a naftalina e cachaça.

Ó anjo decaído
o que você fez
para ser expulso
pela ira de Deus?

O que você fez
para ser banido
das secretas portas
de fogo do paraíso?

Você já não mora
na esfera mais pura
suas asas arderam
nas chamas da fúria.

Ó anjo decaído
o que você fez
para ser trespassado
pela ausência de Deus?

RETRATOS

*O*s retratos na parede são de homens ilustres
assassinados de emboscada
ou apunhalados pelas flechas do amor.

Foram comerciantes ou senhores feudais
donos de terras, fazendas, sesmarias
de mansões de pedra com duzentas janelas.

Esbanjaram luxúria em suas camas de cedro
coabitaram com mulheres adúlteras
que trescalavam a pecado e sândalo.

Veio um raio do céu e derrubou suas casas
de pedra, as vigas e esteios fortificados.
Os cavalos e as éguas sumiram dos vales.

As horas vão puxando a carruagem da noite.
O vento cambaleia entre chamas apagadas
as cinzas e fotografias dos homens ilustres.

A vida é feita de pequenas alegrias
e grandes tragédias. Um dia já não seremos
o mesmo rosto nem a mesma voz.
As fotografias nas paredes voltarão
a seus aposentos quando a noite chegar.
O homem é apenas memória de
uma bolha que explodiu no fundo do mar.

Vivemos entre histórias e escórias.
A vida é uma taça de colostro
que se esvazia antes do amanhecer do dia.
Tudo se passa com tal velocidade
que de repente estaremos nus
aos olhos da eternidade.

O HOMEM E A BENGALA

O homem se apóia na bengala
ou a bengala se apóia no homem?

A bengala conduz o homem
ou o homem conduz a bengala?

O homem bolina a bengala
ou a bengala bolina o homem?

Aonde vai a bengala vai o homem?
onde está o homem vai a bengala?

A bengala vai ao enterro do homem
ou o homem vai ao enterro da bengala?

ODE CÍNICA

*B*ebe o vinho do teu odre
enquanto podes
amar com a irreverência
e a sensualidade dos bodes.

Bebe o vinho de uvas frescas
enquanto não explodes.
Oferta à mulher amada alguns
anéis, algumas odes.

O vinho transforma o homem
num colosso de Rodes.
Por isso esvazia a taça da
volúpia dos bodes.

Bebe o vinho do teu odre
e não te incomodes
se as deusas forem seduzidas
por faunos de bigodes.

*T*odos somos primevos
todos somos primatas
mas escondemos nossos
vícios e nossas taras.

Sobre nossas cabeças
longa noite desaba.
Todos somos primatas
e escondemos a cauda.

Os pijamas de listras
balouçam no cabide
mas o primata está nu
na caverna do id.

Às vezes escrevemos
versos de amor na lauda.
Todos somos primatas
e escondemos a cauda.

PAIXÃO INÚTIL

Para Eduardo Campos

A vida é uma paixão inútil
diz Jean Paul Sartre.
Paixão que nos levaria
a nenhuma parte.

Amarga filosofia
da alma petrificada.
O homem é uma utopia
entre o ser e o nada.

Entre o ser e o nada
entre o sonho e a matéria
entre o corpo e o vento
entre a nudez e a pele.

Como toda paixão
a vida se acaba.
Da mesma forma que um réptil
perde a cauda.

ELEGIA PARA NINGUÉM

O vento será teu epitáfio
no declive da colina.
À sombra dos eucaliptos
o vento será teu epitáfio.

Quando as galáxias arderem
nas sete esferas do espaço.
Quando as pombas emigrarem
o vento será teu epitáfio.

Se os sinos alçarem vôo
das torres do campanário.
Se a lua estiver de luto
o vento será teu epitáfio.

Se a chuva jorrar do céu
(todas as cordas da harpa).
Se o lobo uivar nas cavernas
o vento será teu epitáfio.

Na hora da maré cheia
na hora da maré alta
na hora de tua morte
o vento será teu epitáfio.

RIO DOS ANCESTRES

O rio de meus avós já não passa
na aldeia nem escuta o rumor dos meninos.
O rio de meus avós tinha a mansidão
das ovelhas do pastor.
Ainda vejo o rosto de meu pai refletido
nas águas desse rio.
Ainda me contemplo na memória
azulada desse rio sem nascente e foz.
Ainda mergulho em suas águas
trespassadas pelos raios do meridiano.
O rio de meus avós já não passa
pela aldeia dos meninos
porque os meninos da aldeia estão todos mortos.

O corpo é aquilo que se entrega aos sentidos
a alma, o enigma que não se decifra.
O corpo e a alma se completam
da mesma forma exata
que as duas metades de uma conha.

Aonde vai o corpo
vai a alma acorrentada a ele
ao ritmo da carne e do sangue
ao fulgor da volúpia e da liberdade.

Enquanto o corpo segue o rumo de
todas as coisas que se multiplicam e apodrecem
a alma se evapora pelas portas da carne
diz adeus aos pecados da matéria
e alça vôo para a eternidade.

DONOS DA TARDE

Visto meu paletó de espantalho
e ponho gravata de listras
herdada dum sósia do Judas
numa noite de vinho e de páscoa.

Saio a vagar pelas alamedas
e avenidas de maresia.
Andorinhas ensaiam juras
de amor nos fios da rede elétrica.

O entardecer desmaia sobre
as dunas. Navios partem para o caos
pelas rotas do mito e do sonho.

Os bares estão repletos
de corações vazios. Os gatos
e os bêbados são os donos da tarde.

Os sapos elétricos
moram nos charcos
nos lagos, nos pântanos
nas frinchas dos barcos.

Os sapos elétricos
são guitarristas
que tocam boleros
e baladas tristes.

Os sapos elétricos
já foram argonautas
no tempo em que Homero
voltava de Tróia.

Os homens não seriam
lagartos patéticos
se ouvissem as guitarras
dos sapos elétricos.

NOITE DOS CÃES

A noite é longa, a existência breve.
A chuva é uma fuga de Bach.
Os cães estão latindo
e semeando presságios nas ruas desertas.

Os ruídos da noite são vozes de fantasmas
que já perderam a memória.
Os mil olhos de topázio da chuva
contemplam os pântanos e estrelas distantes.

A pêndula, Penélope, costura
a mortalha das horas na sala deserta.
Uma vela de cera pranteia
as borboletas e a ausência dos mortos.

Os cães já não tocam os seus violinos.
As vidraças das janelas, banhadas de lágrimas.
Os minutos têm cheiro de século.

Cadê os olhos do gato
boiando no quarto escuro?
Cadê o anjo de pedra
que mijava vinho puro?

Cadê as moças da tarde
com perfume de gardênia?
Cadê as noites de inverno
entre espirais de alfazema?

Cadê os muros da igreja
cercados por eucaliptos?
E o sangue que já não jorra
das chagas dos crucifixos?

Cadê os perus barrocos
com recheios aromáticos?
Cadê as flechas romanas
dos algarismos arábicos?

CHAMA APAGADA

Não sei de onde vim
não sei para onde vou.
Se perguntarem por mim
digam que não estou.

A terra que se move
move o pássaro em vôo.
Onde me achei outrora
agora já não estou.

O rio já não corre
na água que passou.
A sombra que me segue
não saberá quem sou.

Quando chamei por ela
o vento se calou.
O amor é aquela chama
que se apagou.

*A*os olhos do relento
 durmo sem pesar e sem receio.
 Tenho a visita dos pássaros e do vento.
 Nada espero dos homens e da morte.
 Eternidade, campo de centeio.

HOMEM LAGARTO

*T*ão precário é o homem
 que do homem nada sobra,
 além da pele exausta
 expulsa pela cobra.

O homem que contempla
 o abismo constelado
 sequer pergunta ao vento
 se será contemplado.

O homem que rasteja
 no húmus do seu quarto
 com sua cauda atávica
 de ancestral do lagarto.

O SONO DO GATO

O gato, ausente do corpo
num sofá de veludo.
Como se estivesse morto
ou distante de tudo.

O gato dorme. A cauda
é uma salamandra de cristal.
Suas retinas parecem
duas ampolas de morfina.

Invejo a sensualidade do gato
sua volúpia e seu conforto.
O seu corpo que dardeja
como se estivesse morto.

RASCUNHO DA SOMBRA

Sou o rascunho dum pássaro
degolado pela sombra

Sou o espectro da água
de volta ao ventre da bolha

Sou a sombra dos raios
gama trespassados na esfera

Sou a sombra que rasteja
acorrentada a si mesma

Sou a sombra de uma nuvem
ancorada na paisagem

Sou a sombra decepada
pelas vogais do epitáfio

Sou a sombra na janela
dum solar que nunca houve.

COPO DE INSÔNIA

*U*m copo de insônia
para acordar os fantasmas
e duendes que ruminam tua memória.

O tempo se escoia pela vidraça
da janela de um quarto
que só existe na tua imaginação.

Os objetos que te rodeiam
não são objetos, são aparências
da realidade fugidia.

A nuvem que veleja no céu
é uma nau a caminho do exílio.
Viver é se afogar num copo de barbitúricos.

O sol nasce para todos
mas só bem poucos
são convidados
para a ceia da luz.

O sol nasce para todos
mas nem todos
debulham as espigas
de ouro do sol.

O sol nasce para todos
mas nem todos
conseguem sair
da sombra.

ENIGMA DE DUAS FACES

O s vivos nada
sabem da morte
porque nunca morreram.

Os mortos e sua coorte
também não sabem
porque já morreram.

TUDO VELHO SOB O SOL

Para José Bonifácio Câmara

Tudo se repete no universo
no poema e no verso
no semelhante e no diverso.

O defunto na gaveta
de bigode e costeleta.
Tudo se repete no planeta.

Tudo se repete por igual
no particular e no geral
acima do bem e do mal.

Tudo se repete na memória
nos rituais dos gestos sem glória
e nas mutações da história.

Tudo na vida se repete.
Até o morto vestido de colete
que trafega pela Internet.

VINHO DO PORTO

Para Ascendino Leite

A vida é um sonho
distante do corpo.
Um sonho que se move

fora da realidade.
Sonho que se projeta
fora do nosso corpo.

A vida sacode a cauda
e o sonho muda de forma
dentro do nosso corpo.

É como beber um vinho
sabendo que é vinho verde
mas não é vinho do Porto.

POEMA BANAL

*M*orrer não tem sentido.
Melhor se o não tivesse.

Morrer é acordar a alma
quando o corpo adormece.

Morrer é tão cafona
morrer é tão banal.

Morrer de tantas formas
morrendo de forma igual.

Morrer é fugir do centro,
sair do espaço e estar dentro.

Morrer não faz parte
do sonho nem da arte.

Se tiver de partir, parto
no relâmpago do infarto.

A vida é um vento
que passa ao largo.
A morte é uma taça
de lêvedo amargo.

A vida é a dourada
volúpia das feras.
A morte, o que resta
do cio das eras.

A vida é um salto
da ponta da escarpa.
A morte, a ruptura
das cordas da harpa.

A vida é uma história
que não se repete.
A morte, a nudez
que de nada se veste.

NUNCA VI O TEJO

Nunca vi o Tejo
nem seu dorso arcaico de baleia.
Só em sonhos o vejo.

Nunca vi o Tejo
levando heróis e augúrios para as Índias.
Só em sonhos o vejo.

Nunca vi o Tejo
de olhos marejados, o Tejo em chamas.
Só em sonhos o vejo.

Nunca vi o Tejo
escrevendo espitáfios de espuma na areia.
Só em sonhos o vejo.

Nunca vi o Tejo
pastor das naus e odes de Camões.
Só em sonhos o vejo.

Nunca vi o Tejo
em quem poder algum não teve a morte.
Só em sonhos o vejo.

A carne não é de seda,
é coisa de pergaminho.
É sonho apenas, invento
de alguma deusa da fúria.

A carne é sócia do anjo,
foi seduzida em Gomorra.
Limo do húmus do mar
que ao mar regressa depois.

A carne é apenas objeto
de barro que devaneia.
Chama vogando na vaga,

asa que sustenta a alma.
A carne é um verso de espuma
que o vento escreve na água.

SE A TERRA NÃO FOSSE REDONDA

*P*orque algum matemático
disse que a terra é redonda,
todos agora acreditam
que a terra é mesmo redonda.

Os anos vão se passando
com o seu rumor de onda
e já ninguém mais duvida
que a terra é mesmo redonda.

Mudaria alguma coisa
nessa comédia hedionda
se a bolha de sangue e areia
não fosse mesmo redonda?

Quem me pode garantir
que aos olhos da Gioconda
não fosse a terra quadrada
e muito menos redonda?

TRAGÉDIA URBANA

Em memória do velho Sócrates

Ele morava num hotel de terceira classe.
Fumava charutos ordinários com a mesma volúpia
dos que saboreiam charutos cubanos.

Passava os dias sentado numa cadeira de balanço.
Contava estórias do seu passado distante,
de filhos, netos e parentes mitológicos.

Os filhos e os netos jamais o visitaram.
Talvez existissem apenas na imaginação
de um velho apunhalado por muitas ausências.

Costumava falar sozinho, resmungava
palavras inaudíveis. Às vezes até
gargalhava para si mesmo e seus fantasmas.

Numa tarde de sol, quando as sombras
dos arranha-céus já entravam pelas janelas,
a morte o visitou, sem aviso prévio.

O RIO E OS REMOS
Para Edmilson Caminha Júnior

*U*m dia a mais
um dia a menos.

Já não importa
o que seremos.

Um dia a mais
se tudo é imenso.

Um dia a menos
não nos pertence.

Um dia a mais
são nossas rugas
com seus desenhos
de tartarugas.

Um dia a mais
um dia a menos.

Ao negro rio
com nossos remos.

O corpo é uma nau ancorada na lenda.
Uma taça de lêvedo que se parte
em fragmentos de cristal.

O corpo te segue por uma estrada de fogo
até o portal do assombro.

O corpo é uma lâmpada extraviada
pórtico demolido das águas.
Uma palavra esculpida na intimidade da pedra
para que se cumpra o testemunho
dos visionários do eterno.

O corpo se abre e se fecha
igual a uma flor sonhada pelos deuses.

Sou um grão de poeira
perdido na imensidade
de uma gota d'água.

Sou um grão de poeira
que entrou pela janela
onde a luz já dormia.

Sou um grão de poeira
que pousou de leve
na ausência do morto.

Sou um grão de poeira
de regresso ao vento
e às núpcias do vazio.

Sou um grão de poeira
trespassado no olho
da eternidade.

TODOS SOMOS DESCARTÁVEIS

Cada um de nós escreve o seu epitáfio
com vogais e consoantes de areia
cada um de nós procura a efígie de um deus
por entre as ruínas de si mesmo
cada um de nós é um primata que leva para
a cama o lixo de seus atavismos
cada um de nós imagina que foi amamentado
pelas tetas de uma loba romana
cada um de nós sonha que foi gerado
nas entranhas de uma princesa da estirpe de Davi
cada um de nós é a sombra de um crápula
seduzido pelos rituais da cópula.
Um espantalho que perdeu os sentidos
que todos os domingos vai à missa
e come as palavras de fogo do apocalipse.

O VENTO É TEU EPITÁFIO

*N*ão enfeites o mármore com palavras vãs.
Nenhuma vida merece a perenidade
do mármore.

A morte nos consagra com a sua quietude
sem olhos e sem pompa.

As palavras são metamorfoses de areia
que o vento destrói.

Tudo o que escreveres no mármore
serão folhas extraviadas
de um outono sem viço e sem memória.

A lua e os astros de sangue
te seguirão ao redor do tempo e da noite.
A morte se basta.

TAÇA DE AREIA

*C*arregamos no peito
um coração de cera.
Com essa taça de areia
é que ousamos erguer
um brinde ao amor!

VIDA

*V*ida, casulo de seda
de onde a borboleta alça
vôo para a morte.

A vida é uma fímbria de seda
acariciada pelo cio
de uma labareda.

Quinta Parte

DISCURSO DA IRA

Cá, onde o mal se afirma e o bem se dana
E pode mais que a honra a tirania;
Cá, onde a errada e cega Monarquia
Cuida que um nome vão a Deus engana.

Camões (Sonetos)

FRAGMENTOS DE UMA ÉPICA DO COTIDIANO

Ao Poeta Gerardo Mello Mourão

*T*odos os dias acordo para os mesmos rituais.
O espelho me devolve as rugas de ontem.
Acordo e sei que é preciso remar a nau da vida
seguir a romaria dos fatos e dos ventos
o nascimento de novos sonhos e problemas.
Todos nós vivemos e morremos sozinhos.
Os deuses, empoleirados nas alturas,
fogem do mau hálito dos homens.
Meus problemas são os meus poemas
meus cabelos dilacerados e a barba por fazer.

2

No momento em que te levantas
começas a decifrar a caligrafia dos sonhos.
A noite desaba sobre o teu corpo
com a estupidez de um rinoceronte.
Logo mais outras noites virão, outras
madrugadas, outras romarias de fantasmas.
Logo mais tudo se apagará de tuas
retinas e só restará uma nódoa de sangue
na memória dos teus lençóis.
Quando acordas, a engrenagem da vida
começa a funcionar com a mesma
precisão dum bólido que despencou do céu.

3

O tempo é apenas uma variável
para medir as mutações dos teus sentidos.
Enquanto dormes, deixas de existir
mas o tempo continua a esculpir a morte
no pergaminho de tuas artérias.
Nada podes contra o tempo e o galopar
de seus cavalos adestrados.
O tempo é um dragão alado, albatroz
fulminado pelas flechas dos deuses.

4

Teus cabelos dilacerados já não são os mesmos.
Podes fazer o espelho em pedaços
podes mudar de idéia ou de endereço
podes invocar a infância demolida
os velocípedes mutilados
e as reminiscências escondidas no sótão.
Nada disso mudará o fato de que
envelheceste, de que os deuses
te evitam, de que já não serás lembrado
no dia do teu aniversário ou do
teu velório. Na hora da ceia, os convidados
erguerão um brinde de sarcasmo
ao naufrágio de tua memória.

5

Meus problemas são pequenos demais.
Os olhos das formigas são maiores
do que os meus problemas.
A vida é uma lavoura de pólvora.
Cada um de nós é o monarca dum reino de cinzas.
Cada pessoa terá de escrever
seu epitáfio de espuma na insônia da pedra.
A noite vasta chegará de repente
pela janela aberta. Mais uma vez os galos
cantarão de madrugada para anunciar
o cortejo da aurora e o velório do rei.

6

Acordo para a dura realidade de todos os dias.
Os jornais sobre a mesa estão manchados
de sangue. Mulheres assassinadas
pelos amantes, o retrato do suicida que
saltou do décimo andar de uma
ficção de areia e vidro. Leio os jornais
e me dou conta de que sou cúmplice de todas
essas tragédias. Os espelhos me dizem
palavras de sarcasmo e me ofertam
alegorias em letras garrafais.
Nunca vi os rostos dessas pessoas
mas suas aflições chegam até mim com
a violência dum bólido que despencou do céu.

7

Todos me dizem que é preciso salvar as aparências
que o amor é a estrada do paraíso
que a vida é tudo o que importa
que o céu dardeja infinitamente longe
dos nossos olhos, que os homens não passam
de condenados a caminho do patíbulo.
Ninguém protesta contra o cinismo
e o despudor das leis, a hipocrisia dos
tecelões de fomes e de intrigas.
Basta de mentiras, basta de curvar
o espinhaço à esfinge de vestido azul
que nos governa com a ponta do seu nariz.

8

Poucos são os convidados ao banquete da vida.
Sempre existirão os deserdados
aqueles que semeiam mas não colhem
os que só comem espigas podres
os que não se aproximam do banquete
e não têm uma túnica para vestir.
Até quando teremos de esperar pelas respostas
do céu, pela grande voz do anjo vingador
que nos diga o que devemos fazer?
Até quando as sombras dos mendigos
rastejarão entre a sensualidade dos cães
sob o olhar compassivo das esferas?

9

Teu verdadeiro rosto está soterrado no limo do id.
É lá que se encontra a placenta de todas
as tuas sensações e utopias.
É nesse âmbito gelatinoso e difuso
que estão os moldes do teu ser
as matrizes e contornos de todas as tuas
existências pretéritas.
É lá que se encontram teus primeiros sonhos
de primata, tua cauda de lagarto
teu odor de cio e de dilúvio.
É de lá que ainda chega a aragem do pecado
os impulsos e a memória do teu corpo
a matriz de todos os teus desejos
e tuas tentações de canibal.

10

A vida me tem seduzido com todas as suas
mitologias, todos os seus mistérios
todas as suas metafísicas, toda a sua
densidade povoada de espíritos e esferas.
A vida me acena com a sua nudez
entreaberta, com as suas fendas úmidas
de sangue e seu sexo cravejado
de borboletas. Com suas entranhas de chumbo
e seu odor de vaca recém-parida.
A vida me tem ofuscado com suas lantejoulas
seus anéis e braceletes de prostituta.

11

Convivemos com seres alados e escorpiões.
Seria preciso acreditar que os anjos
existem, que nos namoram e nos pastoreiam
e que das esferas velam por nós.
Os homens são apenas lagartos sensuais
com seus olhos desorbitados
fitando os emblemas de seus atavismos.
Se os homens fossem anjos
seriam expulsos dos jardins do paraíso
transformados em estátuas de sal
em alguma Sodoma devastada pelos raios.
Ou seriam solidários com o ranger
de dentes dos hóspedes da escuridão.

12

A paixão tem de ser lúcida, nos ensina
o poeta. Tem de enxergar os olhos
de uma agulha no fundo do mar.
De encontrar a pérola na intimidade da ostra
de distinguir o pulsar da centelha
no coração da matéria. A chama nos pântanos
do corpo e em todos os seus recintos
de sombra e de luxúria. Tem de vislumbrar
o sol do ser nas entranhas do mito.
Tem de erguer um santuário para a esperança
de inventar um deus para ordenar o caos.

13

Cada manhã recapitulamos a rota
do suicida, calçamos os nossos sapatos
sujos de sangue, surrupiados de algum mendigo.
Cada manhã assinamos um pacto com
a morte. Cada manhã os ponteiros do relógio
nos assassinam com seus punhais de vidro.
Cada manhã somos um dia a menos no calendário
das nossas utopias. Uma esperança
dilacerada que se transforma em pesadelo.
Os deuses são mitos distantes
seus olhos estão repletos de sarcasmo.

14

Os primatas são deuses carrancudos
que nos devotam ironia e desprezo. Eles nos
odeiam desde a origem dos dias e das
noites. Desde a maldição de Caim e o regresso
do filho pródigo. São nossos parentes
mais velhos, com a vantagem
de haverem trocado o sonho pela cauda.
Dizem que somos primatas civilizados
que desenvolvemos raciocínios matemáticos
e teorias quânticas. Alguns primatas foram
filósofos peripatéticos. Um deles formulou a Teoria
da Relatividade enquanto arranhava as cordas
do seu violino. Outros são economistas
e nos trapaceiam em vários idiomas.

Os pobres estão se evaporando
à vista de todos.

O tempo vai passando
os pobres vão se decompondo
seus rostos são apagados pelo vento
e da memória dos computadores
até que ninguém se lembre
mais de suas caveiras sorridentes
afugentando os parasitas dos burocratas
nas repartições públicas.

Os pobres estão sumindo
aos olhos de todos.

O tempo os vai tornando
cada vez mais parecidos com a morte.
Enquanto isso, os poderosos
sacodem suas nádegas fotogênicas
fazem belos discursos para a distinta platéia
e afagam avidamente as orquídeas.

POLIGLOTAS DO PLANALTO

Para Salomão Sousa

*E*stamos à mercê
dos poliglotas

de suas mentiras
de suas lorotas

os poliglotas
fazem cambalhotas

zombam de nós como se
fôssemos idiotas

os poliglotas nos
apunham pelas costas

vão à mesa das compotas
e pagam a conta com nossas notas

ó raça dos poliglotas
para o inferno com vossas anedotas.

DISCURSO DO REI PARA OS NORDESTINOS

A Pedro Henrique Saraiva Leão

Vocês são pobres por causa dos maus hábitos
e dos fenômenos climáticos
você não precisa de esmolas
nem de sacolas nem de fazer carambolas
nem de masturbação solidária
nem de reforma agrária
não precisa de energia monofásica
nem de cesta básica
também não precisa de dentadura
pra mastigar rapadura
não precisa ir a Frankfurt
para comprar iogurte
não precisa correr os badalos
porque o rei governa a carruagem
enquanto os vassallos cuidam dos cavalos.

CANÇÃO DO FOSSO

O povo fala grosso
mas não segue adiante
porque tem um fosso.

O povo mostra o rosto
mas não pode ser visto
porque tem um fosso.

O povo não tem sobrosso
mas é expulso da festa
porque tem um fosso.

O povo paga imposto
mas fica à margem do rio
porque tem um fosso.

Fosse de que modo fosse
a vida não mudaria
porque tem um fosso.

A fome mostra o seu dorso
mas não prova do manjar
porque tem um fosso.

Espectros de escárnio e osso
contai vossa fome ao vento
porque tem um fosso.

O INFERNO SÃO OS OUTROS

O inferno são os outros
que vêm de toda parte
a dentadura no copo
da arte pela arte.

O inferno são os outros
gênios dos pés às orelhas.
Suas teorias e suas
bravatas de listras vermelhas.

O inferno são os outros
seus pensamentos calvos.
Os outros que se embebedam
de pompa e dilemas falsos.

O inferno são os outros
suas teses e antíteses
seus brilhos e estribilhos
seus flatos cosmopolitas.

PARABÓLICAS

*A*quele ministro
de aspecto um tanto sinistro
chegava a sentir cólicas
toda vez que se lembrava
das inconfidências
das antenas parabólicas.

MESA QUADRADA

O ministro **A** explica
que o Fundo Monetário
é a favor do aumento de impostos
e da redução de salários.

O ministro **B** adverte
que nem só de salário se vive
e que as reservas cambiais
estão em queda livre.

Acha o ministro **R** que
as pessoas estão ficando doidas.
Depois afaga o traseiro
por causa das hemorróidas.

*N*ão passamos
de frágeis babuínos
extraviados na selva da vida.
A cauda dos antepassados
ainda acaricia
a arrogância de alguns cretinos
que se vestem a rigor
para os funerais dos nordestinos.

Ungimos nossos corpos
com essências e perfumes finos
mas nada esconde o odor
atávico que herdamos
dos babuínos.

CIÊNCIA

*D*izem que a ciência é exata
tão exata que às vezes
o tiro sai pela culatra.

Dizem que a ciência
de tão exata
não ata nem desata.

Dizem que está ficando chata
e quando não mata
desidrata.

OS ABUTRES

A revoada dos abutres pousou sobre nossas casas e nossas cabeças.

Chegaram repentinamente do inferno capitalista e dilaceraram nossas entranhas com suas garras sujas de sangue.

Os abutres vieram até nós e nos entregaram mortalhas consteladas de algarismos.

Algarismos arábicos e romanos equações dos mais variados feitios armadilhas e tramas algébricas que só os abutres de outros planetas conseguem decifrar.

Estamos cercados pela alta hierarquia dos abutres. Pelos seus olhos velozes e vorazes. Pela obscenidade e a volúpia de suas orgias. Pelo fedor de seus movimentos fúnebres. Os abutres não dormem até que devorem nossas almas reminiscências e utopias mas íntimas.

CEIA AMARGA

Somos convidados a uma ceia amarga
nada sabemos do que se passa
para além de nossa pele e dos nossos sentidos.

É como se não existisse a memória de Deus.
Como se tudo nos fosse negado
e não tivéssemos direito às migalhas da terra.

Somos vassalos de um rei que vendeu o cetro
à matilha dos moedeiros falsos.
Esse rei não é dono da terra nem da água
os ventos e as aves do céu não lhe pertencem.

Esse rei vale menos que um punhado
de espigas podres rejeitadas pelos porcos.
Seu corpo será devorado pelos abutres
que habitam num solar de labaredas.

AVARENTO

Já disseram que tudo cabe no poema.
Menos a lágrima do avarento
que teve o seu tesouro
surrupiado pelos ladrões.

Atentai para o que digo:
a lágrima do avarento também
cabe no poema. Mas só
pode entrar pela porta dos fundos.

A UM REI QUE VAI MORRER

*A*lteza, as trevas descem
sobre o patíbulo.
Os crepes da morte e o fumo
do seu turíbulo.

As trombetas já ressoam
com fulgor cruel
ao ruflar dos tambores
do Bolero de Ravel.

A turba lava é com sangue
nódoas da História.
Bebei a esponja de fel
de vossa glória.

Por estradas de sol, passa
o tropel dos cavalos.
Foram-se, Alteza, a volúpia
e vossos vassallos.

A fúria do povo é um rio,
às vezes transborda.
(Vossa memória enforcada
no laço da corda).

Vem de alamedas e aguadas
um clamor estrídulo
de metais. Estais nos últimos
degraus do patíbulo.

O som da corneta fúnebre
ressoa mais forte.
Alteza, é chegada a hora
de vossa morte.

ANATOMIA DO PODER

O poder recua quando diz que avança
o poder avança quando diz que recua
o poder só pensa no seu odre
o poder não desvela a sua face
porque a face do poder é podre.

O poder escreve torto por linhas retas
o poder usa gravata de seda
e falsos brilhantes no broche.
O poder não suporta o odor do povo
e ordena que o povo coma brioche.

O poder mente quando diz a verdade
o poder prevarica e trapaceia
no jogo da vida e no jogo das cartas
o poder é vaiado pela plebe
e se vinga quando a plebe o esporeia.

O poder, serpente que muda de pele
e destila veneno pelos poros.
O poder é uma jibóia dançarina. Seduz
os incautos que lhe passam por perto
e os mata com seus dentes de morfina.

A volúpia do poder não tem limites
o poder é amante que nunca se farta
o poder não reparte o mel do seu odre
o poder não desvela a sua face
porque a face do poder é podre.

O diabo não é o anjo
de cauda e dorso de serpente
nem a serpente de limo
que engole as águas do pântano.

O diabo não é a serpente
de cabeça tríplice.
A serpente de língua triangular
a serpente de olho fixo.

O diabo não é o dragão
que vomita chamas de enxofre.
O diabo não é o anjo
ao leme da nau do inferno.

O diabo não é o raio
que parte a noite no meio.
O diabo não é nada disso.
O diabo é o capitalismo.

BICHO PEQUENO

Esse bicho da terra tão ladino
esse bicho da terra tão volúvel
esse bicho da terra tão cretino.

Esse bicho da terra e seu veneno
esse bicho da terra tão corrupto
esse bicho da terra tão pequeno.

Esse bicho da terra tão afoito
esse bicho da terra tão lascivo
ao sol das trevas, ao luar do coito.

Esse bicho da terra tão precário
esse bicho com jeito de gameta
bailarino que vai florir no ovário.

Esse bicho da terra tão minúsculo
esse bicho esculpido pela morte
depois da aurora e antes do crepúsculo.

Esse bicho da terra, esse lagarto
que rasteja na glória e seus detritos
e sonha entre as paredes do seu quarto.

Esse bicho que morre de improviso
e vai bater às portas de Sodoma
em busca do perdido paraíso.

O vento te desfolha
a chuva te molha
a árvore não brota
a vida é uma bolha.

O tempo te vergasta
a volúpia se gasta
a platéia se afasta
o sexo não te basta.

O poder te manobra
a verdade soçobra
o embuste é uma cobra
o fraco rei se dobra.

O cinismo trapaceia
na volta da maré cheia
o pobre não vai à ceia
porque suja a roupa alheia.

MORTE DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

Ao amigo Nilto Maciel

A tarde cambaleia nas pontas das escarpas.
O vento acaricia as águas do Vaza-Barris.
Canudos vai tocar os sinos da agonia.

Do Monte da Favela chegam balas e augúrios.
O sol, jagunço com seu capuz de calcário,
clareia os labirintos do inferno de Canudos.

Vultos de andarilhos flamejam nas estradas.
Nuvens de poeira e de oração por cima dos casebres
são dobras de um sudário cravejado de lágrimas.

A noite já se aproxima dos perfis de pedra
que rodeiam as cercanias da cidade maldita.
Os canhões da hierarquia abrem fendas no céu.

O arraial, transformado em santuário de heróis
e mártires pelos canhões dos republicanos,
lava a honra dos mortos em seus afluentes de sangue.

Uma rajada de balas dilacera o espaço
sem fronteiras. As torres das igrejas demolidas
desabam sobre o cadáver de Antônio Conselheiro.

Nenhuma voz se ergueu dos corpos mutilados.
O vento dissipou ladainhas e augúrios.
Canudos já não toca os sinos da agonia.

DISCURSO DAS MEDALHAS

*A*s luas espetadas nas muralhas
zombam dos homens
e de suas medalhas.

Tuas vitórias
onde estão tuas vitórias e os troféus
que brilhavam no teu peito?

Onde estão os pensamentos dos que morreram
nos campos de batalha?
Onde estão as noivas dos soldados mortos?

Onde estão os fuzis e as espadas
desses meninos, sepultados em valas clandestinas
longe das mães e da pátria?

As vogais do teu epitáfio foram escritas
com sangue. Ninguém já se lembra
da cor de tuas medalhas.

As luas espetadas nas muralhas
foram levadas por um vento forte.
Perdeste a batalha da morte.

SAPOS ELÉTRICOS

Sonhei que a cidade inteira
fora invadida
por sapos elétricos.

Sonhei que as moças acariciavam
os sapos elétricos
como se os tivessem parido.

Sonhei que as águas sumiram da terra
porque os sapos elétricos
beberam as vertentes dos rios.

Sonhei que um anjo de cauda de serpente
hipnotizou os sapos elétricos
com seu olhar de pássaro do inferno.

O homem é o mito
do homem
o sonho que não deu certo.

O homem é o déspota
do homem
o tiro que saiu pela culatra.

O homem é o vassalo
do homem
a flecha que não acertou o alvo.

O homem é o predador
do homem
o lagarto que devora o lagarto.

O homem é o carrasco
do homem
o sudário negro do enforcado.

AOS MORTOS DO TIMOR LESTE

*U*m poema
pelos duzentos
mil mortos do Timor
Leste. um poema com gosto
de sangue e de terra molhada. um
poema com veneno de cobra, escamas
de peixe e dorso de lagarta. um poema com
cio de tigre, asa de pássaro e vértebras de punhal.

um poema
irrigado pelas
vertentes e o cântico
das fontes. um poema contem-
plado pelas retinas do orvalho e aca-
riciado pela sensualidade das abelhas. um
poema cingido pelo diadema de espinhos da
montanha em memória dos mortos do Timor Leste.

um poema
pelas vozes silen-
ciadas dos mortos do
Timor Leste. um poema pelos
campos que não foram semeados
pelas espigas que não foram ceifadas
um poema com perfume de chuva e de rosa
silvestre pelos vivos e mortos do Timor Leste.

CANÇÃO DO IMERGENTE

Para Luís Carlos Guimarães

A casa sem porta
a porta sem trave
a trave sem prego
o prego sem ponta

a noite sem vela
a vela sem chama
o pote sem água
o prato sem sopa

o copo sem leite
o leite sem vaca
a vaca sem rúmen
o rúmen sem pasto

o quarto sem cama
a cama sem homem
o homem sem corpo
o corpo sem rumo

a casa sem viga
a viga sem telha
a terra sem chuva
a espiga sem grão

o lago sem peixe
 o peixe sem cauda
a cauda sem brilho
 os olhos sem alma

o filho sem rede
 a rede sem fundo
o morto sem rosto
 aos olhos do mundo.

OS TRISTES E OS CONTRASTES

Enquanto o céu me entra pela janela
e meus pensamentos emigram
para lugares distantes
alguém está morrendo de fome na África
em algum lugar da terra
onde os déspotas passeiam
em suas carruagens à prova de fogo
bebem vinho e absinto
em taças de cristal, ou sucumbem aos punhais
dos olhos de rapina das amantes.
Enquanto os sonhos rodopiam
os minutos nos escapam pela janela
e as mil aparências da realidade se dissolvem
na sensualidade dos espelhos.

NINGUÉM É UM DEUS

O homem não é um deus acima
de todas as coisas. Um deus
à frente de um exército de escorpiões.

O homem não é um rei da estirpe
do albatroz e dos relâmpagos.
Um rei ungido pelas sacerdotisas de Apolo.

O homem não é uma cidadela de pedra
guardada pelos dragões.

O homem é um fantasma, uma sombra
de areia, um descendente da dinastia dos répteis.
Uma nuvem que se acende e se apaga
até que os pássaros da noite
o precipitem nos abismos do mar.

*E*stou diante do muro
nada me prova o contrário.
Não sei se estou do lado de dentro
ou do lado de fora do muro.
Não sei o que existe por trás do
muro, o que pensam
e o que fazem os donos do muro.

Não sei que ciladas me aguardam
ou se os olhos dos mortos
me espreitam por trás do muro.
Não sei se o muro é de pedra
de silêncio ou de palavras.
Não sei se os donos do muro
sabem que existo. Sei que o muro
é mais real do que a sombra do meu corpo.

SER DE PEDRA

*N*inguém atravessa o muro
(seu duro ser de pedra).
O sol bate de rijo no muro
e fragmenta-se em lascas de cristal.

O pássaro não ultrapassa o muro.
Se vai de encontro a ele
resta apenas uma nódoa de sangue
pulsando nas veias da tarde.

O vento esbarra no muro
as águas da chuva e dos rios
as línguas do fogo, os olhos das feras.

Nada atravessa o muro.
Só a esfinge da noite cavalga
o seu duro ser de pedra.

*O*s cretinos são sempre sibilinos
pastoreiam negócios clandestinos
roubam o leite e a merenda dos meninos.

O povo é enganado pelos cretinos
pelas roletas dos seus cassinos
e pelos seus discursos libertinos.

Os cretinos são bichos citadinos
cuidam dos cães e de seus desatinos
e sabem dançar tangos argentinos.

Os suínos não são cretinos
não passeiam nas limusines
de certos déspotas latinos.

Velhos, meninos e nordestinos
são massacrados pelos cretinos
desde os tempos dos gibelinos.

CANÇÃO DO POBRE

O pobre não é ninguém.
Pobre é um rastro de sangue
que o vento e a chuva apagam
da memória da paisagem.

Pobre é a garrafa vazia
que foi atirada ao mar.
Ninguém mais se lembra dela
nem do seu dorso azulado.

Pobre é semente podre
jogada em cima da pedra.
É a polpa corrompida
da palavra pornográfica.

Pobre é sangue que jorra
das veias de um sonho indômito.
Pobre não tem memória
mas tem a foice do vômito.

TEMPO DOS VISIGODOS

No tempo dos visigodos
os reis e seus rapsodos.

Reis e cavalos gordos
no tempo dos visigodos.

Ladram versos e cachorros
nos rastros dos visigodos.

Raposas e rapsodos
no enalço dos visigodos.

Os letrados e eletrodos
e espadas dos visigodos.

Plantei a insônia dos lobos
nos olhos dos visigodos.

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

- IRACEMA – José de Alencar – Edição fac-similada; UFC – 1983.
FORTALEZA E A CRÔNICA HISTÓRICA – Raimundo Girão – UFC – 1983.
TEMPOS HERÓICOS – Esperidião de Queiroz Lima – Reedição da 2ª parte do livro ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO – UFC – 1984.
AS VISÕES DO CORPO – Francisco Carvalho – UFC – 1984.
CONTOS ESCOLHIDOS – Moreira Campos – 4ª Edição – UFC, 1984.
DEZ ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1985.
O NORTECANTA – Martins d'Alvarez – 2ª Edição – UFC – 1985.
TIBÚRCIO – O GRANDE SOLDADO E PENSADOR – Eusébio de Sousa – Edição Especial – UFC – 1985.
O CRATO DE MEU TEMPO – Paulo Elpídio de Menezes – 2ª Edição – UFC – 1985.
BUMBA-MEU-BOIE OUTROS TEMAS – Lauro Ruiz de Andrade – UFC – 1985.
CANTO DE AMOR AO CEARÁ – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1985.
MUNDO PERDIDO – Fran Martins – 2ª Edição – UFC – 1985.
ILDEFONSO ALBANO E OUTROS ENSAIOS – F. Alves de Andrade – UFC – 1985.
POEMAS ESCOLHIDOS – Cruz Filho – UFC – 1986.
REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS – Antônio Martins Filho – UFC – 1987.
GUSTAVO BARROSO – SOL, MAR E SERTÃO – Eduardo Campos – UFC – 1988.
EXERCÍCIOS DE LITERATURA – Francisco Carvalho – UFC – 1989.
POESIAS – 2ª Edição – Filguciras Lima – UFC – 1989.
A RECEPÇÃO DOS ROMANCES INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR – Ingrid Schwamborn – UFC – 1990.
LITERATURA SEM FRONTEIRAS – Coordenadores: Helmut Feldmann e Teoberto Landim – UFC – 1990.
1. UFC & BNB – Educação para o Desenvolvimento – Antônio Martins Filho – UFC – 1990.
2. IMPÉRIO DO BACAMARTE – Joaryvar Macedo – 2ª Edição – UFC – 1990/1992.
3. O MUNDO DE FLORA – Angela Gutiérrez – UFC – 1990.
4. CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DO CEARÁ – Manuel Albano Amora – UFC – 1990.
5. APOLOGIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ESTUDOS – F.S. Nascimento – UFC – 1990.
6. ESPELHO DE CRISTAL – Wilson Fernandes – UFC – 1990.
7. MEDICINA MEU AMOR – CONTOS E CRÔNICAS – José Murilo Martins – UFC – 1991.
8. O TERRITÓRIO DA PALAVRA – MEMÓRIA & LITERATURA – Carlos d'Alge – UFC – 1991.
9. METAFÍSICA DAS PARTES – Carlos Gildemar Pontes – UFC – 1991.
0. REINCIDÊNCIA – Cláudio Martins – UFC – 1991.
1. CONCEITOS & CONFRONTOS – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1991.
2. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA – Antônio Bezerra de Menezes – Introdução e Notas de Raimundo Girão – UFC – 1992.
3. NOTURNOS DE MUCURIPE E POEMAS DE ÊXTASE E ABISMO – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1992.
4. NOVOS ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1992.
5. SECA, A ESTAÇÃO DO INFERNO – Teoberto Landim – UFC – 1992.
6. FORTALEZA DESCALÇA – Otacilio de Azevedo – UFC – 1992.
7. CRÔNICA DAS RAÍZES – Francisco Carvalho – UFC – 1992.
8. A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO CEARÁ – O POVOAMENTO – Vinícius Barros Leal – UFC – 1993.
9. FORMAS E SISTEMAS DE GOVERNO – ITINERÁRIOS E QUESTIONAMENTO – André Haguette (Organizador) – UFC – 1993.
0. HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA E CRÔNICAS SOBRE A CIDADE AMADA – Mozart Soriano Aderaldo – UFC – 1993.
1. ANDANÇAS E MARINHAGENS – Linhares Filho – UFC – 1993.
2. TEMPOS E HOMENS QUE PASSARAM À HISTÓRIA – Tácito Theophilus – UFC – 1993.
3. POESIAS INCOMPLETAS – Antônio Girão Barroso – UFC – 1994.
4. FICÇÃO REUNIDA – Durval Aires, Dimas Macedo (Organizador) – UFC – 1994.
5. O CÉU É MUITO ALTO – Lembranças – Blanchard Girão – UFC – 1994.
6. SONATA DOS PUNHAIS – Francisco Carvalho – UFC – 1994.

47. MAR OCEANO – Fran Martins – 2ª edição – UFC – 1994.
48. SEARA – Luciano Maia – UFC – 1994.
49. MEUS EUS – Pedro Henrique Saraiva Leão – UFC – 1994.
50. A PADARIA ESPIRITUAL – Leonardo Mota – 2ª edição – Introdução e Notas de Sânzio de Azevedo – UFC – 1994.
51. CANTIGAS DO CORAÇÃO – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1995.
52. PROSA DISPERSA – Newton Gonçalves – UFC – 1995.
53. O OUTRO NORDESTE – Djacir Menezes – UFC – 1995.
54. LEITURA E CONJUNTURA – Dimas Macedo – UFC – 1995.
55. LOUVAÇÃO DE FORTALEZA – Lustosa da Costa – UFC – 1995.
56. TEXTOS E CONTEXTOS – Francisco Carvalho – UFC – 1995.
57. NOVOS RETRATOS E LEMBRANÇAS – Antônio Sales – UFC – 1995.
58. MARE ALTA – Yolanda Gadelha Theophilo – Imprensa Universitária – 1995.
59. TEORIA DA VERSIFICAÇÃO MODERNA – F.S. Nascimento – UFC – 1995.
60. ELOGIO AOS DOUTORES E OUTRAS MENSAGENS – Antônio Martins Filho – UFC – 1995.
61. COISAS IMPERFEITAS. (Escritos de Filosofia da Ciência) – José Anchieta Esmeraldo e Ruth Verlaine Oliveira Moreira – UFC – 1996.
62. SITUAÇÕES E INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS – Pedro Paulo Montenegro – UFC – 1996.
63. MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS – Rubens de Azevedo – UFC – 1996.
64. OS CAMINHOS DA UNIDADE GERMÂNICA – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
65. NO MUNDO DOS TREBELHOS – Ronald Câmara – UFC – 1996.
66. NADA DE NOVO SOB O SOL – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 1996.
67. DIMENSÕES ESPIRITUAIS DA ESPANHA & OUTROS TEMAS – José Newton Alves de Sousa – UFC – 1996.
68. POESIA COMPLETA – Aluizio Medeiros – UFC – 1996.
69. ÁGUAS PASSADAS – Olga Stela Wouters – UFC – 1996.
70. CONCEITOS DE FILOSOFIA – Willis Santiago Guerra Filho – UFC – 1996.
71. RESGATE DE IDÉIAS – Estudos e Expressões Estéticas – Vianney Mesquita – UFC – 1996.
72. A RUA E O MUNDO – Fran Martins – UFC – 1996.
73. MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA – José de Figueiredo Filho – UFC – 1996.
74. A PADARIA ESPIRITUAL E O SIMBOLISMO NO CEARÁ – Sânzio de Azevedo – UFC – 1996.
75. HISTÓRIA ABREVIADA DA UFC – Antônio Martins Filho – UFC – 1996.
76. O ESPANTALHO – Pedro Rodrigues Salgueiro – UFC – 1996.
77. A GRAMÁTICA DOPALADAR – *Antepasto de velhas receitas* – Eduardo Campos – UFC.
78. RAÍZES DA VOZ – Francisco Carvalho – UFC – 1996.
79. MISCELÂNEA – de garoto sertanejo a médico cardiologista – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1996.
80. REPASSE CRÍTICO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA – Martinz de Aguiar – UFC – 1996.
81. FÚRIAS DO ORÁCULO: uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto – UFC – 1996.
82. TRÊS DIMENSÕES DA POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO – Ana Vládio Aires Mourão – UFC – 1996.
83. NO MUNDO DA LUA – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
84. NOVELO DE ESTÓRIAS – Hilda Gouveia de Oliveira – UFC – 1996.
85. AS QUATRO SERGIPANAS – Padre F. Montenegro – UFC – 1996.
86. POEMAS DA MEIA-LUZ – Hamilton Monteiro – UFC – 1996.
87. REBUSCAS E REENCONTROS – Linhares Filho – UFC – 1996.
88. ALENCAR, O PADRE REBELDE – J.C. Alencar Araripe – UFC – 1996.
89. RITMOS E LEGENDAS – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
90. O RETRATO DE JANO – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
91. ROSTRO HERMOSO – Luciano Maia – UFC – 1996.
92. REFLEXÕES MONÍSTICAS SOBRE GEOGRAFIA E OUTROS TEMAS – Caio Lóssio Botelho – UFC – 1996.
93. ATRAVÉS DA LITERATURA CEARENSE – Crítica – Florival Seraine – UFC – 1996.
94. VIRGÍLIO TÁVORA: SUA ÉPOCA – Marcelo Linhares – UFC – 1996.
95. O INQUILINO DO PASSADO – Eduardo Campos – UFC – 1996.
96. POESIA REUNIDA – Otacílio Colares – UFC – 1996.
97. PALIMPSESTO & OUTROS SONETOS – Virgílio Maia – UFC – 1996.
98. MISSISSIPPI – Gustavo Barroso – UFC – 1996.
99. PORTUGAL E OUTRAS PÁTRIAS – Osmundo Pontes – UFC – 1996.

00. AS TRÊS MARIAS – Rachel de Queiroz – UFC – 1996.
01. DONA GUIDINHA DO POÇO – Oliveira Paiva – UFC – 1997.
02. ESCADARIAS NA AURORA – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1997.
03. QUIXADÁ & SERRA DO ESTÊVÃO – José Bonifácio de Sousa – UFC – 1997.
04. CANÇÃO DA MENINA – Angela Gutierrez – UFC – 1997.
05. O SAL DA ESCRITA – Carlos d'Alge – UFC – 1997.
06. MATHIAS BECK E A CIA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS: o domínio holandês no Ceará colonial – Rita Krommen – UFC – 1997.
07. MENINO SÓ – Jáder de Carvalho – UFC – 1997.
08. UMA LEITURA ÍNTIMA DE DÓRA. DORALINA – A lição dos manuscritos – Italo Gurgel – UFC – 1997.
09. FICÇÕES – Martins d'Alvarez – UFC – 1997.
10. PRÍNCIPE, LOBO E HOMEM COMUM - (Análise das idéias de Maquiavel, Hobbes e Locke) – Rui Martinho Rodrigues – UFC – 1997.
11. GEOGRAFIA ESTÉTICA DE FORTALEZA – Raimundo Girão – UFC – 1997
12. CARTAS E POEMAS AO ANJO DA GUARDA – Rita de Cássia – UFC – 1997.
13. RIO SUBTERRÂNEO – José Costa Matos – UFC – 1997.
14. ADOLFO CAMINHA: Vida e Obra - Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
15. POEMAS DO CÁRCERE E ÂNSIA REVEL – Carlos Gondim - organização e introdução de Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
16. RIMAS – José Albano – UFC – 1997.
17. VOZ CEARÁ – Stella Leonardos – UFC – 1997.
18. GIRASSÓIS DE BARRO – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
19. AS CUNHÁS – Milton Dias – UFC – 1997.
20. FORTALEZA: VELHOS CARNAVAIS – Caterina Maria de Saboya Oliveira – UFC – 1997.
21. NÓS SOMOS JOVENS – Fran Martins – UFC – 1997.
22. TRIGO SEM JOIO (seleção de poemas) – Otacílio de Azevedo – UFC – 1997.
23. UMA CEARENSE NA TERRA DOS *BITTE SCHÖN* – Regine Limaverde – UFC – 1997.
24. O PACTO (Romance) – Stela Nascimento – UFC – 1997.
25. A POLÍTICA DO CORPO NA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO – João Alfredo de Sousa Montenegro – UFC – 1997.
26. IMAGENS DO CEARÁ – Herman Lima – UFC – 1997.
27. EDITOR DE INSÔNIA E OUTROS CONTOS – José Alcides Pinto – UFC – 1997.
28. A CAPITAL DO CEARÁ – Geraldo da Silva Nobre – UFC – 1997.
29. MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO – Raimundo de Oliveira Borges – UFC – 1997.
30. CORPO MÍSTICO & OUTROS TEXTOS PARA TEATRO – Oswald Barroso – UFC – 1997.
31. AS VERDES LÉGUAS – Francisco Carvalho – UFC – 1997
32. AUTORES CEARENSES – Joaquim Alves – UFC – 1997.
33. IMAGINANDO ERROS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (organizadores) – UFC – 1997.
34. O POÉTICO COMO HUMANIZAÇÃO EM MIGUEL TORGA – Linhares Filho – UFC – 1997.
35. DOIS DE OUROS – Fran Martins – UFC – 1997.
36. AUTA DE SOUZA – Jandira Carvalho – UFC – 1997.
37. NO *APRÈS-MIDI* DE NOSSAS VIDAS – Lustosa da Costa – UFC – 1997.
38. MAR VIOLETA, VIOLETA MAR – Fabiana Guimarães Rocha – UFC – 1997.
39. NÃO HÁ ESTRELAS NO CÉU – João Clímaco Bezerra – UFC – 1997.
40. SONETOS CEARENSES (poetas cearenses) – Hugo Victor – UFC – 1997.
41. IRACEMA – José de Alencar – UFC – 1997.
42. PIREU IDA E VOLTA & OUTRAS CRÔNICAS – Fran Martins – UFC – 1997.
43. UMA CHAMA AO VENTO – Braga Montenegro – UFC – 1997
44. O DISCURSO CONSTITUINTE/Uma Abordagem Crítica – Dimas Macedo – UFC – 1997.
45. A ESCRITA ACADÊMICA (Acertos e Desacertos) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Vianney Mesquita – UFC – 1997.
46. A ESTRELA AZUL E O ALMOFARIZ: Exercícios de poesia e metapoesia – Horácio Dídimo – UFC – 1998.
47. RUA DA SAUDADE (POESIA) – Eduardo Fontes – UFC – 1998.
48. REMINISCÊNCIAS – Monsenhor José Quinderé – UFC – 1998.
49. A INSTITUIÇÃO NOTARIAL NO DIREITO COMPARADO E NO DIREITO BRASILEIRO – Regnoberto Marques de Melo Júnior – UFC – 1998.

150. CRÔNICAS DA MOCIDADE NO CEARÁ – Pires Saboia – UFC – 1998.
151. MÃO DE MARTELO E OUTROS CONTOS – Astolfo Lima Sandy – UFC – 1998.
152. A NOITE EM BABYLÔNIA E OUTROS RELATOS AO ETERNO - Poesia – Artur Eduard do Benevides – UFC – 1998.
153. ESTRELA DO PASTOR - Romance - Fran Martins - UFC - 1998.
154. A BORBOLETA ACORRENTADA-Contos-Eduardo Campos-UFC-1998.
155. HISTORIA ABREVIADA DE LA UFC-Antonio Martins Filho-UFC-1998.
156. GRACILIANO RAMOS-*Reflexos de Sua Personalidade na Obra*-Helmut Feldmann-UFC-1998.
157. OS CAMINHOS DA MUNICIPALIZAÇÃO NO CEARÁ-*Uma Avaliação*- Andr Haguette e Eloísa Vidal (*Organizadores*)-UFC-1998.
158. O CRUZEIRO TEM CINCO ESTRELAS-Romance-Fran Martins-UFC-1998.
159. MÉDICOS ESCRITORES E ESCRITORES MÉDICOS DA UFC - Geraldo Bezerra da Silva - UFC - 1998.
160. A VOLTA DO INQUILINO DO PASSADO - Segunda Locação - Memórias - Eduardo Campos - UFC - 1998.
161. O LIMO E A VÁRZEA - Poesia - Regine Limaverde - UFC - 1998.
162. TERRA BÁRBARA - Poesia - Jáder de Carvalho - UFC - 1998.
163. A GUERRA DOS PANFLETOS - História - Waldy Sombra - UFC - 1998.
164. ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO - Poesia - Francisco Carvalho - UFC - 1998.
165. NOTÍCIA DO POVO CEARENSE - História - 2ª Edição - Yaco Fernandes - UFC - 1998.
166. A ÚLTIMA TESTEMUNHA - Romance - Elano Paula - UFC - 1998.
167. A INVENÇÃO DO DISCURSO AMBIENTAL - Ecologia - Eduardo Campos - UFC - 1998.
168. URBANIZAÇÃO E CULTURA POLÍTICA-*(A cidade de Fortaleza e o liberalismo cearense no século XIX)*-José Ernesto Pimentel Filho-UFC-1998.
169. PEDRAS DO ARCO-ÍRIS OU A INVENÇÃO DO AZUL NO EDITAL DO RIO -Poesia- Barros Pinho-UFC-1998.
170. CONTAGEM PROGRESSIVA-Reminiscências da Infância-Memórias-Caio Porfírio Carneiro-UFC-1998.
171. RACHE O PROCÓPIO! - Crônicas-Lustosa da Costa-UFC-1998.
172. O VENDEDOR DE JUDAS - Contos - Tércia Montenegro - UFC - 1998.
173. A CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA - Ensaios - José Filomeno de Moraes Filho - UFC - 1998.
174. ALMA DE POETA - Poesia - Eduardo Fontes - UFC - 1998.
175. ESTUDOS TÓPICOS DE DIREITO ELEITORAL - Ensaios - Napoleão Nunes Maia Filho - UFC - 1998.
176. SALA DE RETRATOS - Poesia - Marly Vasconcelos - UFC - 1998.
177. A CONCHA IMPOSSÍVEL - Poesia - Napoleão Maia Filho - UFC - 1998.
178. RASGANDO PAPÉIS - Memórias - Tacito Theophilo Gaspar de Oliveira - UFC - 1998.
179. CRATO: LAMPEJOS POLÍTICOS E CULTURAIS - História - F. S. Nascimento -UFC - 1998.
180. NA TRILHA DOS MATUIÚS - Contos - José Costa Matos - UFC - 1998.
181. NADA NUEVO BAJO EL SOL - Novela - Lúcia Fernandes Martins - UFC - 1998.
182. GENTE NOVA - (Notas e Impressões) - Crítica - Mário Linhares - UFC - 1998.
183. TEMAS DE DIREITO ADMINISTRATIVO E TRIBUTÁRIO - Napoleão Nunes Maia Filho - UFC - 1998.
184. O GUARANI ERA UM TUPI?-*Sobre os romances indianistas O Guarani, Iracema e Ubirajara de José de Alencar*-Ingrid Schwamborn-UFC-1998.
185. A PRESENÇA DA POESIA NO MUNDO DOS NEGÓCIOS - Antônio Martins Filho - UFC - 1998.
186. NORTE MAGNÉTICO - Poesia - Sérgio Macedo - UFC - 1998.
187. REVOLUÇÃO POR CONSENTIMENTO - Valores ético-sociais do empresariado - União pelo Ceará político - 1962/CIC-1978 - José Flávio Costa Lima - UFC - 1998.
188. CANTO IMATERIAL - Poesia - Vanderley Moreira - UFC - 1998.
189. POR UM FIO - Contos - Sandra Maia - UFC - 1999.
190. ERA UMA VEZ - Poesia - Karla Karenina - UFC - 1999.
191. O PORTAL E A PASSAGEM - Poesia - Beatriz Alcântara - UFC - 1999.
192. POÇO DOS PAUS - Romance - 2ª Edição - Fran Martins - UFC - 1999.
193. CAPISTRANO DE ABREU - Biobibliografia - José Aurélio Saraiva Câmara - UFC - 1999.
194. UNIVERSIDADE - Caminho para o desenvolvimento - José Teodoro Soares - UFC - 1999.
195. PONTA DE RUA - Romance - 2ª Edição - Fran Martins - UFC - 1999.
196. MELANCHOLIA - (Antologia) - Sociedade de Belas Letras & Artes Academia da In certeza - UFC - 1999.

197. TEATRO - (Teatro Completo de Eduardo Campos)-VOL I - Eduardo Campos - UFC - 1999.
198. TEATRO - (Teatro Completo de Eduardo Campos) -VOL II - Eduardo Campos - UFC - 1999.
199. Para uma FILOSOFIA da FILOSOFIA (Conceitos de Filosofia) - Willis Santiago Guerra Filho - UFC - 1999.
200. CAMINHOS ANTIGOS E POVOAMENTO DO BRASIL - 3ª Edição - J. Capistrano de Abreu - UFC - 1999.
201. O GUARANI - José de Alencar - Romance - (Volume I) - UFC - 1999.
202. O GUARANI - José de Alencar - Romance - (Volume II) - UFC - 1999.
203. CARLOS BASTOS TIGRE- *O Guardião das Árvores* (Centenário) - Ilka Tigre/ Organizadora - UFC - 1999.
204. NORDESTE MÍSTICO-Império da Fé - *Ensaio sobre manifestações da religiosidade popular, no folclore e do sincretismo religioso do Nordeste* - Vilma Maciel e Célia Magalhães - UFC - 1999.
205. ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO - J. Lindemberg de Aquino - UFC - 1999.
206. BRASIL, A EUROPA DOS TRÓPICOS - *500 anos rumo à Civilização Trópico-Equatorial* - Caio Lôssio Botelho - UFC - 1999.
207. VOZES DO SILÊNCIO - Poesia - Cecília Bossi - UFC - 1999.
208. ESTÂNCIA CEARENSE - Poesia - Márcio Catunda - UFC - 1999.
209. A SHORT HISTORY OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF CEARÁ (UFC) – Antônio Martins Filho – UFC – 1999.
210. O ELEFANTE E OS CEGOS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaïne Oliveira Moreira (*Organizadores*) – UFC – 1999.
211. MANIPUEIRA – Contos – Fran Martins – UFC – 1999.
212. REENCONTRO – Contos – Glória Martins – UFC – 1999.
213. LOUVADO SEJA TAMBÉM O PEIXE (crônicas) – Ciro Colares – UFC – 1999.
214. A LEI 4.320 – COMENTADA AO ALCANCE DE TODOS (Direito Financeiro) – Afonso Gomes Aguiar – UFC – 1999.
215. DIREITO PROCESSUAL – QUATRO ENSAIOS – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 1999.
216. CANTOS DA ANTEVÉSPERA – Sânzio de Azevedo – UFC – 1999.
217. NOITE FELIZ (Contos) – Fran Martins – UFC – 1999.
218. O PRANTO INSÓLITO – Eduardo Campos – UFC – 1999.
219. PALAVRAS AOS QUE AINDA OUVEM (Discursos) – Raimundo Bezerra Falcão – UFC – 1999.
220. LUSO-BRASILIDADES - NOS 500 ANOS – Dário Moreira de Castro Alves – UFC – 1999.
221. FEITOSAS - GENEALOGIA - HISTÓRIA - BIOGRAFIAS - Aécio Feitosa - UFC - 1999.
222. CANUDOS - Poema dos Quinhentos - Carlos Newton Júnior - UFC - 1999.
223. PERSONAS - Notas de Um Bibliófilo Cearense - José Bonifácio Câmara - UFC - 1999.
224. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: Em busca da operacionalização - Manoel do Nascimento Barradas (Organizador) - UFC - 1999.
225. COMEÇAR DE NOVO: Romance - Elano Paula - UFC - 1999.
226. COMO ME TORNEI SEXAGENÁRIO - Lustosa da Costa - UFC - 1999.
227. PODER JUDICIÁRIO - A Reforma Administrativa Possível (Algumas Reflexões) - Cândido Bittencourt de Albuquerque - UFC - 1999.
228. ORÁCULO - Magdalena Sá - UFC - 1999.
229. CHICO CALDAS. O Patriarca de Viçosa do Ceará - João Severiano Caldas da Silveira - UFC - 1999.
230. UMA VIDA CONTRA HITLER - Hermann M. Görgen - UFC - 1999.
231. A CONCHA E O RUMOR - Francisco Carvalho - UFC - 2000.

FICHA TÉCNICA

EDITORÇÃO E PROJETO GRÁFICO
Carlos Alberto A. Dantas

TIPO E CORPO/ENTRELINHA
Garamond TC Bk BT 13/15

EQUIPAMENTOS
PC PENTIUM
PageMaker v. 6.5
Impressora HP Laser Jet 1100 600 dpi

REVISÃO DE PROVAS
Francisco Carvalho

PRODUÇÃO GRÁFICA
Imprensa Universitária



Impressão e Acabamento Imprensa Universitária da
Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 – Caixa Postal 2600
Fone/Fax: 0xx (85) 281.3721 – Fortaleza – Ceará – Brasil

